

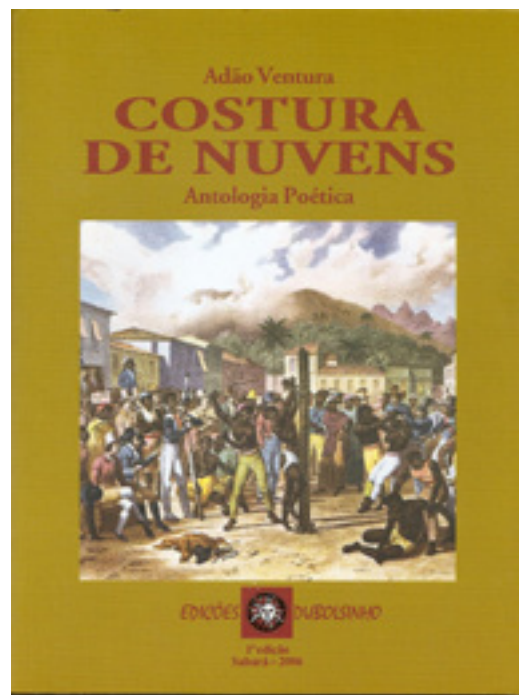
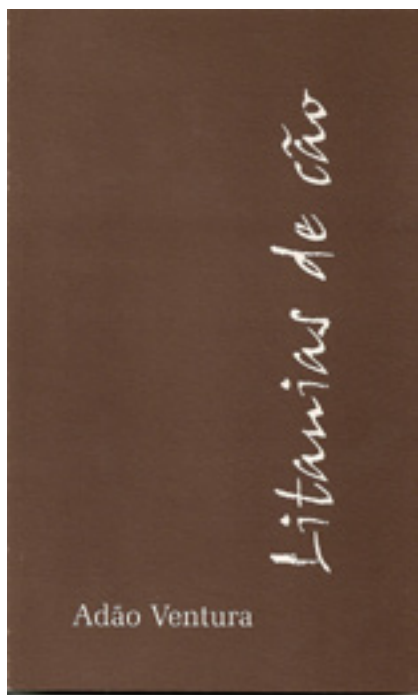
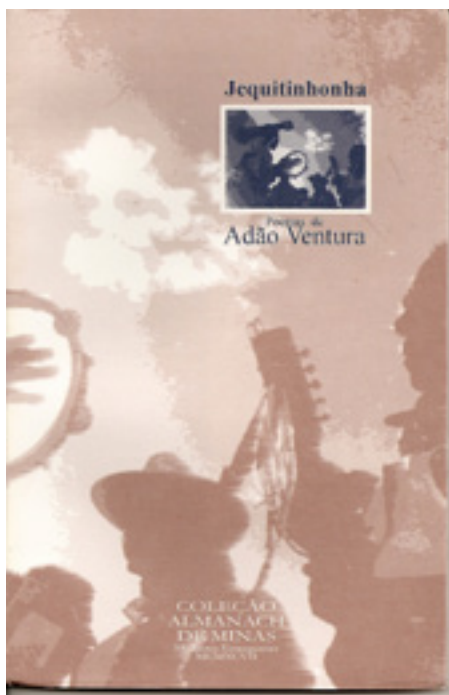
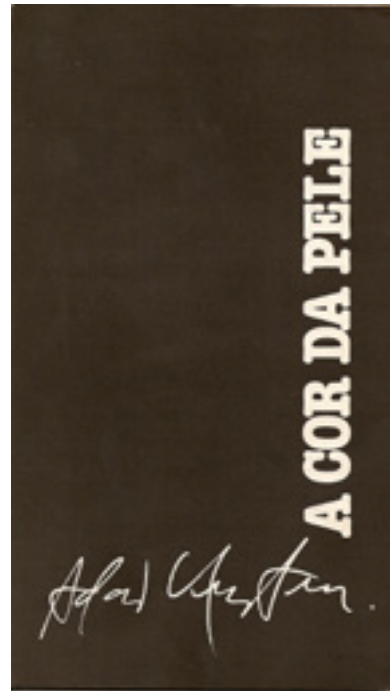
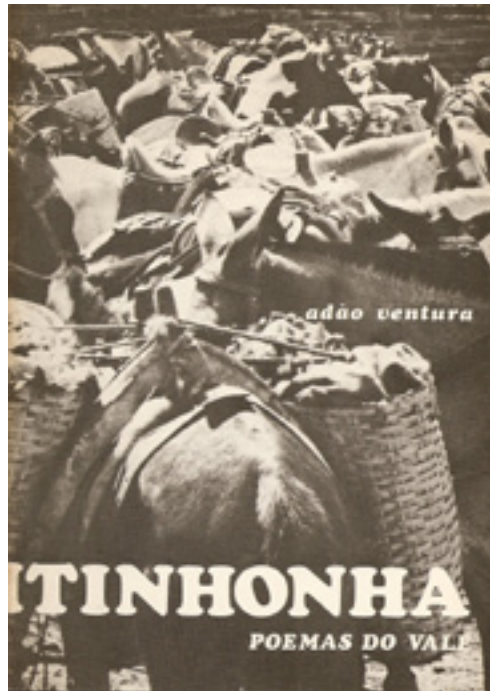
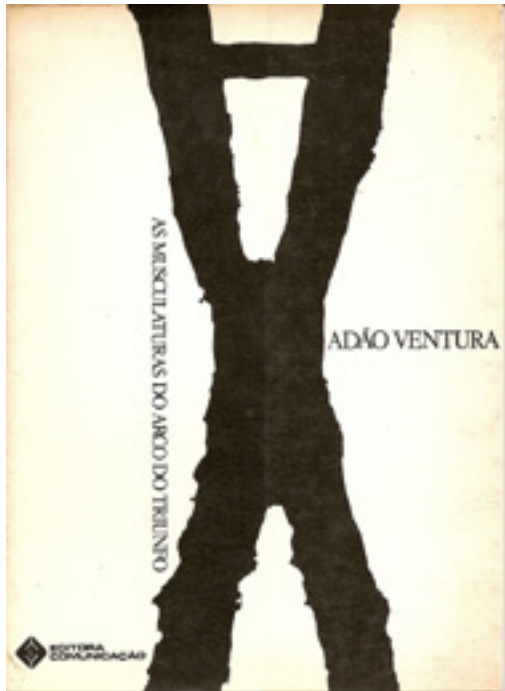
SUPLEMENTO

BELO HORIZONTE
NOVEMBRO / 2019
EDIÇÃO ESPECIAL
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO

ADÃO VENTURA, 80 ANOS

A POESIA À FLOR DA PELE

NÚMERO ORGANIZADO POR
FABRÍCIO MARQUES



LIVROS DE ADÃO VENTURA:
 ABRIR-SE UM ABUTRE OU MESMO DEPOIS DE DEDUZIR DELE O AZUL (1970), AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO (1975), JEQUITINHONHA (POEMAS DO VALE) (1980 E 1997),
 A COR DA PELE (1980), TEXTURAAFRO (1992), LITANIAS DE CÃO (2002) E COSTURA DE NUVENS - ANTOLOGIA POÉTICA (2006)

UMA ESSÊNCIA NOBILIÁRQUICA

Neto de escravos, o mineiro Adão Ventura Ferreira Reis nasceu em 5 de julho de 1939 em Santo Antônio do Itambé, no Vale do Jequitinhonha, mudou-se para o Serro e daí para Belo Horizonte, onde se formou na faculdade de Direito da UFMG, em 1971, convivendo e tornando-se amigo, por afinidade eletiva, de outros estudantes: Fernando Brant, Jaime Prado Gouvêa, Sebastião Nunes e Sérgio Sant’Anna, que estenderam a amizade para os lados da Imprensa Oficial, na Avenida Augusto de Lima, onde funcionava a redação do “Suplemento Literário” do Minas Gerais. Ali, trabalhou como revisor.

Os primeiros versos de seu primeiro livro, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*, estão no poema estampado na última página desta edição especial. É um título revolucionariamente mágico e estranho diante de uma ditadura militar subindo nas grimpas. O livro é dedicado a Affonso Ávila e Murilo Rubião e a capa foi criada por Sebastião Nunes.

Em 1973, Adão seguiu para os Estados Unidos, onde lecionou literatura brasileira na Universidade do Novo México. Esse fato foi marcante como um divisor na visão de mundo do poeta, a partir da crua compreensão do que é ser negro nesta vida. Voltou decidido a enfrentar o racismo estrutural à brasileira.

Na entrevista reproduzida a partir da página 20, concedida em 1986, é possível entender a participação e a tentativa de intervenção do autor de *A Cor da Pele* na vida pública da cidade, do Estado e do País. “Zumbi, Zumbi e Zumbi”, responde à pergunta quanto aos três negros importantes no Brasil.

Ricardo Aleixo, Sônia Queiroz, Gustavo Tanus e Leda Martins participam com textos escritos especialmente para este número. Para completar, contribuições de Sebastião Nunes, Fernando Brant, Silvano Santiago, Paulinho Assunção, Edimilson de Almeida Pereira, Márcio Sampaio e Anelito de Oliveira, que enriquecem a compreensão sobre a poesia de Adão, ao lado de imagens e uma pequena seleção de poemas.

O poeta Ilya Kaminsky disse, em entrevista à revista *Poets & Writers Magazine* (2019): “Não vejo nenhum valor em perguntar se a poesia pode existir fora do político. Poesia não é sobre um evento. É o

evento. A arte é a resistência da complacência: ela sempre se opõe ao entorpecimento. É por isso que a poesia simplesmente não morre, apesar de tantos avisos de morte. Está sempre lá, nos acordando quando ficamos entorpecidos, cutucando nosso olho.”

A produção poética de Adão Ventura é dessa natureza – a que nos acorda de qualquer entorpecimento. Possivelmente, foi essa característica que chamou a atenção de Ferreira Gullar, ao escrever a apresentação de *Litanias de cão*: “A poesia de Adão Ventura não é uma poesia poética, de quem deseja mostrar o lado encantador do real; é poesia-denúncia, de quem já não tolera a mentira e a farsa. E essa revolta é tão verdadeira que chega a alterar a matéria de sua linguagem.”

Adão Ventura é dos raros poetas cujos versos não escondem a essência nobiliárquica de quem traduz para o reino das palavras toda a grandeza e miséria da experiência humana.

FABRÍCIO MARQUES

UM POETA EM TRÊS TEMPOS

SEBASTIÃO NUNES

A poesia de Adão Ventura pode ser cortada em duas metades absolutamente distintas, como se parte um bolo de fubá, um queijo de Minas, uma rapadura: a fase branca e a fase negra. A primeira compreende os poemas escritos antes de viver um ano nos Estados Unidos, quando sentiu na pele a discriminação racial (veio daí o título de seu melhor livro, *A Cor da Pele*). A segunda é constituída pelos poemas pós-EUA, todos – ou quase todos – voltados para a negritude e a denúncia da condição do negro, no Brasil e no mundo. Se à primeira fase podemos chamar de “surrealista”, pelo constante e paradoxal choque de imagens, a segunda é relativamente simples. São raras as palavras difíceis, os versos complicados, as piruetas verbais. Nela, Adão é quase sempre direto e claro, sem metáforas ou ambiguidades. Sua dor – a do negro de hoje e a do escravo dos séculos passados – não precisa de palavras complicadas. Para dizer o que sentiu e o que sentiram seus pais e avós, avós que foram escravos, bastam-lhe os recursos da linguagem comum. Nas duas metades, o mesmo grande poeta, um dos maiores que o Brasil produziu no século XX, apesar de obra relativamente pequena.

1. ADÃO VENTURA DESCOBRE A COR DA PELE

Conheci Adão em 1966. Ele fazia o primeiro ano de Direito na UFMG e eu estava no terceiro. De minhas amigas nascidas nessa época e que continuaram pela vida inteira (adubadas certamente pela literatura), Adão foi uma das mais sólidas e constantes, mesmo que por constância eu que não queira dizer muita coisa.

Neto de escravos, filho de negros, nascido numa cafua perdida em Santo Antônio do Itambé, perto do Serro, de família pobre como Jó, Adão conseguiu uma proeza que considero quase miraculosa. Veio para Belo Horizonte, aprendeu, conviveu e se formou em Direito, até seguir para Brasília, chegando a presidente da Fundação Palmares, entidade do governo federal que cuida dos interesses culturais dos negros. Saindo de lá, foi juiz classista em Passos, quando se aposentou. Logo depois, mudou-se mais uma vez para Belo Horizonte, sendo diagnosticado com um câncer no intestino, que o matou dois anos depois, em junho de 2004.

Ainda na faculdade, criei para Adão a capa de seu primeiro livro: *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*. Título enorme e magnífico. Poesia estranha, na qual Adão esconde a cor e exalta o ritmo, foge do conteúdo e fala por alusões – o que é o mesmo que não falar nada. Mas que nada excelentes! Aliás, cabem duas considerações aqui, uma velha como a serra, a de que poesia não serve para nada, e por isso mesmo é importante neste nosso mundo utilitário. A segunda, e essa foi descoberta minha, a de que na época Adão se dedicava exclusivamente a extrair melodia das palavras, pouco importando seu significado. E é essa a essência do “abutre”, uma bela demonstração de que poesia não precisa ter sentido.

Cinco anos depois, em 1975, publicou

As musculaturas do Arco do Triunfo, na mesma linha, ou seja, privilegiando o ritmo contra o significado. No entanto, neste livro como no anterior, continuam as alusões à cor da pele, à servidão, à injustiça e à escravidão. Quem souber ler nas entrelinhas perceberá, subjacente à formidável estrutura rítmica (que lembra os tambores ancestrais africanos) a dor do escravo costurada dentro da pele e da língua.

LAVANDO ROUPA AOS DOMINGOS

Dois anos antes, Adão estivera nos Estados Unidos, participando de um programa de jovens escritores e lecionando literatura brasileira na Universidade do Novo México. Não sabia inglês, espanhol ou qualquer outra língua além da nossa. Correm várias piadas a esse respeito, inclusive a de que, no aeroporto, quando lhe pediram que falasse em espanhol, ele respondeu que estava falando em espanhol, quando pensaram que ele tentava falar inglês. Talvez fosse portunhol, a língua que predomina nas fronteiras brasileiras.

Durante alguns meses antes da viagem, andava para cima e para baixo com um exemplar do “Grande Sertão” debaixo do braço. Eu dizia – e todos os amigos concordavam – que ele estava lendo por osmose. Como Nelson Rodrigues, Adão preferia aprender “de ouvido”.

Mas foi lá, na terra dos gringos e longe da pinga amada, que Adão pela primeira vez percebeu que era negro. E descobriu da maneira mais prosaica: lavando roupa aos domingos, nas lavanderias públicas, entre brancos que o desconheciam e negavam. Brincadeira? Não, não estou brincando. A história do racismo no Brasil (e talvez no mundo) conta muito sobre essas fantásticas racionalizações efetuadas pela mente humana, em que o negro se recusa a ser negro. Em outras palavras, a se deixar reconhecer pela cor da pele. Foi assim com

Cruz e Sousa, o maior simbolista brasileiro, que só metaforicamente admitia a dor da discriminação, cantando as famosas formas alvas, brancas, puras. Nos mais pungentes de seus poemas, a dor terrível nunca é chamada pelo nome, sempre se esconde em metáforas e alusões. Como a tuberculose antigamente, e o câncer hoje, é preciso exorcizar a doença, não dizendo o nome secreto da angústia.

A COR DA PELE E TEXTURAAFRO

Quando voltou, Adão era outro. Assumiu a negritude e começou a escrever seus densos e trágicos poemas negros. Pela primeira vez viu a cor de sua pele nos olhos dos outros, e os olhos dos outros diziam que ele era negro – não havia como negar.

De certa forma Adão continuou o mesmo, mas apenas com os amigos. Agora que era negro, passou a dizer isso, a gritar isso e a trabalhar em cima disso. Durante os 30 anos que ainda viveu foi acima de tudo um militante negro, através da poesia.

Na antologia que Jaime [Prado Gouvêa] e eu preparamos predominam os poemas da fase negra. Digamos que são os poemas da maturidade. Mas é apenas uma primeira etapa. Começando pela poesia que descreve com todas as letras o sofrimento da cor da pele, pretendemos também chegar à poesia que fala da cor da pele através do ritmo dos tambores ancestrais, objeto talvez de uma mais ampla antologia no futuro.

Creio poder dizer, sem grande exagero, que Adão Ventura é o maior poeta negro do Brasil no século 20. A antologia referida tem por título “Costura de nuvens”, título que usaria para os inéditos e que adotamos. Saiu pela Editora Dubolsinho, em 2007, tendo sido adquirido, entre outros órgãos, pelo PNBE [Programa Nacional Biblioteca da Escola], do Ministério da Educação, em duas edições.

2. AOS 70, O “VELHO ABUTRE” PRECISA VOAR DE NOVO

Há alguns anos, recebi de Jaime Prado Gouvêa o seguinte e-mail, que transcrevo na íntegra: “Tião, o Adão completaria 70 anos hoje, muito contrariado. E negaria, como deve estar negando, por toda a eternidade. Minha sincera homenagem, se é que ele me perdoaria por isso”.

Fomos amigos íntimos – dessas amizades leves, claras e sem desencontros – durante mais de 40 anos, amizade que continua firme nas duas esferas místicas. Aqui, nesta terra devastada, com Jaime, e lá, no assento etéreo onde subiu. Estamos os três aposentados. Adão, pela eternidade. Nós outros, pela previdência social. O que não faz diferença: mais cedo ou mais tarde, teremos o mesmo tipo de aposentadoria, sem receber coisa alguma, mas também sem contas a pagar.

Curioso é que entre nós sempre houve mais diferenças que afinidades, mas é bobagem querer que amigos se pareçam. Não é necessário, talvez até os contrastes permitam amizades mais sólidas. Imagino que bastem alguns pontos em comum, e os nossos eram especialmente dois: literatura e o gosto pelos botecos, com longos papos regados a cerveja, ficção, cachaça e poesia.

AFINIDADES ELETIVAS

No resto, tivemos gostos e percursos diferentes. Enquanto eu me casei três vezes e tive cinco filhos, Adão e Jaime permaneceram solteiros convictos. Há em Jaime uma ironia fina e perspicaz, que se intromete em qualquer assunto, do mais descontraído ao mais sério. Minha ironia é grossa e sem nenhuma sutileza, enquanto Adão fingia uma sisudez dura como casca de ovo, que se quebrava facilmente diante dos amigos. Até nossas origens eram diferentes. Enquanto nasci na pequena classe média do interior mineiro e Adão descendia de escravos lavradores e analfabetos, Jaime pertence à classe média remediada de Belo Horizonte. Aliás, e Jaime confessa com satisfação, toda a sua vida – ou quase toda –, com raras lacunas, foi vivida no bairro de Santo Antônio, numa casa e depois num apartamento. Só. Até o clube que frequentou como jogador de basquete, o Mackenzie, e que ainda frequenta para rever amigos de infância, fica a um tiro de escopeta, ou dois, de sua janela. Idem para o bar que visitou todas as tardes durante anos, a “Petisqueira Munhoz”, um comprido corredor na Avenida do Contorno, que cheirava a bêbados de longe, de muito longe. E a gambás molhados.

Pobre como Jó, negro retinto e desengonçado, Adão morou nos mais diversos pardieiros, inclusive no famoso “Balança mas não cai”, prédio condenado por mais de cinquenta anos e que continuou firme, na esquina de Bahia com Amazonas. Só que, na época, sem água, luz ou esgoto, o venturoso poeta precisava – e às vezes nós com ele – subir a pé e no escuro doze andares até chegar ao que considerava sua casa. É preciso algum esforço, não tenho dúvidas, para imaginar o poeta, solitário e bêbado, subindo penosamente dozes andares no escuro, de madrugada, até se estatelar num colchão duro e mofado. Mas ninguém se importava com isso. Nem as baratas.

Comigo foi mais diversificado: desde uma pensão na Rua São Paulo, com uma caixa d’água pesadíssima e barulhenta em cima da cama,

até um apartamento de classe média na Serra e outro de estudantes no Maletta, no qual a banheira servia como depósito da água que entrava nas torneiras apenas uma vez por semana. E era suficiente.

ESCONDENDO A IDADE

Comum entre mulheres, diminuir a idade é raro nos homens. Eu mesmo só menti uma vez, mentira que durou anos, e talvez dure até hoje, fruto de uma antologia poética publicada na Alemanha. Em Adão parecia doença, daí a ironia no e-mail de Jaime. Que ganhava com isso? Nunca soubemos. Nascido em 1939, sempre subia alguns degraus no tempo, situando-se com mais frequência em 1944, o que o tornava cinco anos mais novo. Talvez para se tornar um dos mais jovens do grupo, com o que afirmaria com mais força seus méritos. Orgulhoso, fazia beicinho e ria matreiro, mas não arredava pé de sua idade fictícia. Morreu três anos menos velho do que era. Terá perdido três anos de vida? Perdeu na cronologia fantasiosa que inventou, que nos divertia e que, a seus olhos, tinha um encanto (ou um mistério) especial, que nunca entendemos.

VIDA LITERÁRIA

A estreia em livro de Adão foi brilhante. Praticando uma espécie de poesia surrealista originalíssima, porque misturava ao nonsense surreal a sonoridade rude dos tambores africanos que carregava no sangue, assustou a todos com o título: *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*. Saiu em 1969, um ano depois de meu primeiro folheto de poemas experimentais, *Última carta da América*, e um ano antes do primeiro livro de contos de Jaime, *Areia tornando em pedra*, vencedor do concurso nacional de contos do Paraná, o mais importante da época.

Naquele tempo, Minas era a terra dos contistas e, a partir do sucesso de Murilo Rubião, que de escritor mineiro se tornou nacional, deu-se o que ficou conhecido como “boom da literatura mineira”. Todos nós apoiados pela lucidez de Murilo e dispondo, para experiências ousadas, desvairadas ou puramente caóticas, do Suplemento Literário do Minas Gerais, onde trabalharam Jaime, Adão e também o velho amigo Manoel Lobato. Sem contar todos os outros que deram certo na literatura, e os que ameaçaram, pipocaram, e afinal caíram fora, atraídos por sereias de canto mais harmonioso.

RECOMEÇAR É PRECISO

Adão morreu em junho de 2004 – e ninguém se lembrou. Apenas alguns anos, e é como se toda a eternidade já pesasse sobre ele. Continuamos tentando, Jaime, eu e Elizabeth Guimarães, sua amiga, advogada e testamenteira, republicar suas obras dispersas, aos poucos. Nosso mais importante poeta negro do século XX merece mais que silêncio ou citações ocasionais. Se a memória se torna a cada dia mais frágil, tanto a individual quanto a coletiva, é preciso reavivá-la. Principalmente no caso de Adão, um caso especialíssimo – e raro – de talento, persistência e criatividade. O “velho abutre”, como Jaime gosta de se referir a ele, precisa voar de novo.

3. A DIFICULDADE DE SER NEGRO NO BRASIL

O poeta Adão Ventura morreu em junho de 2004, e de lá para cá sua poesia vem sumindo. Que autores sejam apagados do mapa da história literária não é incomum, ao contrário. A imensa maioria despenca no abismo sem fundo do ostracismo apenas alguns anos depois da morte. É engano imaginar que o “gênio” louvado hoje pelo imediatismo da mídia mereça o rótulo de ótimo ou de bom depois de amanhã. Mesmo ser chamado de ruim é ainda “menos pior” do que inexistente. E a grande maioria não resiste sequer a uma década de desprezo. Vira sombra de sombra de sombra.

NEGRO? PIOR AINDA

Sempre me espantou a segurança com que Maria Mazzarello Rodrigues, a Mazza, trilhou sua caminhada de militante e editora. Negra ela mesma, acreditou que a cor da pele não inferiorizava ninguém e foi em frente desde a década de 1960, pelo menos, quando as pessoas tinham vergonha da própria cor.

Alguma coisa mudou deste então, principalmente a visão de cada um como ser humano, mas não mudou muito, principalmente em cidades marcadamente racistas, tipo São Paulo e Belo Horizonte. Na época a que me referi, antes da revolução cultural pop, ser negro era quase como ser leproso. Vivia-se em guetos e os pretos conheciam seu lugar na pirâmide, ou seja, no degrau mais baixo, condenados à inferioridade social do nascimento à morte.

NEGRO E CAPIAU

No poema “Viagem à capital”, Adão se descreve assim: “Eu, menino/ enfatizado,/ roupa domingueira,/ botina nova/ vindo do Serro/ e, puxado por minha mãe,/ Sebastiana de José/ do Teodoro,/ desço da jardineira/ e entro no Bar/ e Restaurante Chapéu de Sol.”.

Os nomes revelam muito. O avô paterno era Teodoro da Fazenda. O pai, José Ferreira dos Reis. A mãe, Sebastiana. Daí Sebastiana de José do Teodoro, forma comum em comunidades pequenas de nomear as pessoas pela ascendência.

O espantoso, no caso de Adão, é que o

negrinho enfatizado de botina nova, neto pobre de escravo, tenha se tornado grande poeta.

ESCASSEZ

No site “Recanto das letras”, Nelson Marzullo Tangerini escreve que “a poesia negra brasileira não cessou com Luís Gama”, quase como se quisesse dizer que só houve poesia negra antes e logo após o Abolicionismo. Mas ele mesmo quase confirma o que insinua, ao nomear apenas, no século XX, dois poetas-papel, Cruz e Souza e Solano Trindade, e a seguir uma série de letristas e compositores populares, às vezes forçando a barra com o famoso “tinha sangue negro”, como se ter sangue negro ou índio não fosse comum em pelo menos 70% da população brasileira.

CONVÍVIO

O que livrou Adão de ser apenas mais um preto-pobre foi a inteligência aguda, uma excepcional intuição estética e a vontade de sair do submundo. Tais atributos não são comuns, motivo pelo qual a imensa maioria dos pobres continua sendo pobre e a imensa maioria dos negros continua sendo preto-pobre.

Escapar dessa armadilha socioeconômica exige pelo menos duas das qualidades acima. Para, além disso, se tornar um grande poeta, é preciso acrescentar o terceiro ingrediente, a intuição estética aguçada.

Foi assim que Adão saiu do limbo social e se tornou amigo dos escritores jovens (e brancos, naturalmente) que gravitavam em torno de Murilo Rubião, no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, ainda na década de 1960.

VIAGENS

A democratização crescente do país e a elevação da renda, principalmente nas classes mais pobres, permitiu que viagens de lazer e estudos se tornassem muito mais frequentes do que naquela época. Um programa como o “Ciência sem fronteiras”, criado no governo Dilma, permitiu que milhares de estudantes brasileiros sem recursos cruzassem o mundo em busca de conhecimentos até então reservados a poucos.

O jovem Adão não teve essas regalias.

Viajar para o Exterior era privilégio dos ricos e da classe média alta. Enquanto seus colegas abonados da faculdade de Direito desfrutavam mordomias em Paris, seu lugar era aqui, e já estava mais do que bom.

VOA O ABUTRE

Persistência não faltava ao jovem Adão. A vantagem de ser artista ou atleta em qualquer lugar é a relativização da discriminação racial. Nas profissões de ponta (medicina e engenharia principalmente) a segregação tem origem nos requisitos prévios para ingressar na faculdade: pais capazes de bancar horários integrais.

Filho de Sebastiana de José do Teodoro da Fazenda, tudo o que Adão podia fazer era teimar e insistir. E tanto insistiu que, mesmo desconhecendo inglês, conseguiu ser escolhido para lecionar literatura brasileira nos Estados Unidos. E lá se foi o poeta, tropeçando no espanhol, que também não dominava.

NEGRO, ENFIM

Já não se enforcam negros em árvores nos EUA, mas, no Brasil, o racismo continua o mesmo: enrustido, dissimulado e escorregadio.

Mas foi assim que Adão se compreendeu negro, na profunda solidão vivida lá fora. Pela primeira vez, já com dois livros surrealistas publicados, entendeu que não era branco. Foi então que nasceu *A Cor da Pele*, seu grande-pequeno livro confessional.

Enquanto viveu aqui, Adão era negro e não sabia.

Este texto é a reunião de três crônicas de Sebastião Nunes, publicadas originalmente no jornal *O Tempo* em 2006, 2009 e 2014.

SEBASTIÃO NUNES

Mineiro de Bocaiúva, é poeta, cronista e editor. O conjunto de sua obra foi reconhecido com o Prêmio Governo de Minas de Literatura-2018

O CORPO COMO (P)ARTE DO POEMA

RICARDO ALEIXO

Com a morte de Adão Ventura, no dia 12 de junho de 2004, em consequência de um câncer, morreu também o maior propagandista do grande e ainda pouco conhecido poeta – nascido em Santo Antônio do Itambé, 1939. E que não se tome esta afirmação como desrespeitosa. Pelo contrário, é com o respeito de sempre à memória do meu saudoso amigo que destaco, dentre os muitos lados de sua complexa figura artística (tentam reduzir sua imagem à de um “mineirinho” simplório e esperto, mas não conseguem aprisioná-lo no estereótipo), aquele que mais me fascina: o que teve a capacidade de ler seu próprio corpo negro como um signo, isto é, como um elemento indissociável de sua poesia escrita.

Dito de outro modo: único negro numa geração de escritores que se revelou, na segunda metade da década de 1960, em torno do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, e praticante de uma poesia marcada, em seu primeiro tempo, por uma inusual junção de imagens de acento surrealista e expertise rítmica (ler seus dois primeiros livros, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*, de 1970, e *As musculaturas do Arco*

do *Triunfo*, de 1975), Adão intuiu que poderia tirar partido – linguageiro – de sua condição étnico-racial. Tal processo se deu de forma meditada, bem depois de decantado o impacto da experiência nos EUA, em 1973, quando lecionou literatura brasileira na Universidade do Novo México, participou do International Writing Program, da Universidade de Iowa e, claro, conheceu um tipo de racismo bastante diferente daquele com o qual, de certa forma, já aprendera a conviver na Belo Horizonte de sua juventude, como estudante de direito e “poeta de futuro”.

Em mais de uma das muitas conversas que tivemos desde 1985, quando nos tornamos amigos, até o ano de sua morte, ouvi do poeta pequenos, sempre saborosos e incompletos relatos de como ele, um rapaz do interior de Minas, demorou para processar a gama de novidades a que sua curta vivência estadunidense o obrigara. Rindo muito, ele contava repetidas vezes sobre sua recusa aos convites de Silviano Santiago – também vivendo por lá – para acompanhá-lo nas visitas ao mundo dionisíaco de Hélio Oiticica, em seu loft nova-iorquino. Como esperar que alguém assim, mal desembarcando de volta a Belo Horizonte, já se metesse “a gato mestre” em assuntos como o racismo, sobre o qual não se falava, naqueles tempos de ditadura, senão em rodas de amigos muito íntimos, de preferência, em ambientes domésticos?

Em 1981 aparece, finalmente, o livro *A Cor da Pele*, numa edição custeada pelo próprio autor, com projeto gráfico desenvolvido por Sebastião Nunes. “Aparece” é, de fato, o termo mais preciso para descrever esse livro que o já citado Silviano Santiago, no prefácio, situa, com pertinência, não ao lado da típica “poesia negra” modernista – “pois nele não encontramos referências concretas e precisas a elementos de cultos africanos ou afro-brasileiros, como ainda nele não lemos transcrições fonéticas um pouco ridículas do que seria o falar ‘estropiado’ do negro” –, mas próximo da linhagem que se poderia chamar de, “insistindo ao máximo no paradoxo”, adverte o crítico, “a tradição ocidental da poesia negra”. Para Silviano, trata-se de tradição “elevada à condição soberana por um Cruz e Sousa em pleno movimento simbolista”. Isto quer dizer que um e outro “fazem legítima poesia ao mesmo tempo que fazem excelente poesia negra.”

Curiosamente, o crítico deixa de mencionar poetas de outros países do Atlântico

Negro, como Sédar Senghor, León-Gontran Damas, René Depestre, Jean-Joseph Rabearivelo, Amiri Baraka (ex-Le Roi Jones) e outros que marcaram a paisagem poética do século XX com sua poesia ao mesmo tempo inconformada e lírica, aberta ao diálogo tanto com as tradições africana e afro-diaspórica quanto com o modernismo na Europa e nos EUA. O Adão Ventura de *A Cor da Pele* é, graças à leitura de Santiago, isolado num espaço ideal – o da “legítima poesia” –, porque refratário a aproximações, comparações, contatos.

Ventura sentiu-se à vontade no papel de “poeta negro”, o qual lhe permitiu organizar sua trajetória literária, a partir daí, em aberto diálogo com as proposições do movimento social negro, que voltou à cena em 1978, depois de um longo silêncio, imposto pela ditadura Vargas, em 1944, e consolidado pela ditadura militar-civil implantada em 1964. Para além de qualquer idealização, o poeta de *A Cor da Pele* faz dos eventos promovidos pelos grupos de militância negra e dos debates sobre racismo organizados por universidades, escolas de ensino fundamental, sindicatos etc., o chão concreto para a difusão de sua poesia inconformada.

Num país como o Brasil, que faz da subsistência dos escritores uma questão de pouca ou nenhuma importância, o gesto de Adão Ventura é extremamente significativo, uma vez que imprime novo sentido ao processo de auto-edição. Ao contrário do que faziam, no mesmo período, desde o início da década de 1970, poetas de todo o país que, definindo-se como “marginais”, ou “independentes”, apresentavam e comercializavam seus livros em bares, vias públicas e universidades, no chamado “mano a mano”, Adão optou por difundir sua poesia em ambientes que contribuísem para singularizar sua “voz negra” por meio de ações que gerassem desdobramentos, como a participação em debates em escolas das redes pública e particular de Belo Horizonte e de todo o Estado. Não raro, de tais encontros decorria a venda direta de livros para o público presente e também, a chance de inclusão de *A Cor da Pele* no programa das aulas de Português e Literatura das escolas.

Me lembro bem da estratégia adotada pelo poeta em tais contextos: ele quase nunca discorria a fundo sobre os temas que surgiam no debate. Preferia falar sobre sua própria história e, claro, sobre o longo processo vivido entre a experiência nos EUA e a publicação de *A Cor da Pele*. Falava durante

alguns pares de minutos e já estava conquistada a plateia. Daí para a frente, só era preciso dizer os poemas com voz firme e olhos bem abertos, apontados na direção de todos e de cada um dos presentes. Que funcionava essa estratégia, é prova o número de reimpressões do livro mais festejado de Adão: mais de 20, entre 1981 e, salvo engano, o ano anterior à sua morte. Considerando que, naquela época (ainda não haviam entrado em cena os atuais processos de impressão por demanda), as tiragens mínimas eram de 500 exemplares, estamos diante do caso raro, no Brasil contemporâneo, de um poeta que, efetivamente, encontrou um público, o seu público, fora dos espaços habituais de circulação da palavra poética entre nós.

É compreensível, por tudo isso, que nenhum dos outros livros lançados por Ventura até o final da vida tenha alcançado a mesma repercussão de *A Cor da Pele*. A “fórmula” havia se esgotado, e para isso contam pelo menos dois grandes motivos: 1) a face mais inventiva da poesia de Adão restou secundarizada ou, para dizer em outros termos, deixou de fazer parte das cogitações estéticas do poeta; 2) surgiram, ao longo dos anos, inúmeros outros poetas (no âmbito livresco, mas também no rap – de um Edmilson de Almeida Pereira a um Ronald Augusto, de um Mano Brown a um Emicida, entre muitos outros) abertos à tematização do racismo a partir de pontos de vista cada vez mais críticos e poeticamente relevantes. Longe de representar o apagamento dos muitos sinais da presença criativa de Adão Ventura no âmbito da poesia brasileira contemporânea, a emergência dessas novas vozes representa um convite para releituras distanciadas de uma obra que continuará, por muito tempo, ainda, a nos lançar perguntas tão incômodas quanto necessárias sobre algumas das muitas formas de embate entre o sujeito e isso a que damos o nome de mundo.

RICARDO ALEIXO

É poeta, artista visual/sonoro, pesquisador das poéticas intermédias e ensaísta. É autor da antologia poética *Pesado demais para a ventania* (Todavia, 2018), além de *Antiboi* (Crisálida/LIRA, 2017 – finalista do prêmio Oceanos 2018) e *Modelos vivos* (Crisálida, 2010, finalista dos prêmios Jabuti e Portugal Telecom 2011).

CRÉDITO: SEBASTIÃO NUNES



LUÍS GONZAGA VIEIRA, ADÃO VENTURA, MÁRCIO SAMPAIO, SÉRGIO TROSS, FERNANDO BRANT (NO ALTO),
SÉRGIO SANT'ANNA, VALDIR DINIZ E LUÍS MÁRCIO VIANNA (NA FRENTE).
REDAÇÃO DO SLMG, 1971.

UM RÉQUIEM PARA ADÃO VENTURA

FERNANDO BRANT

Um poeta morre e os sanguinários continuam vivos. Isso é justo? A morte de um amigo poeta avacalha o meu dia. Vou à estante à procura de seus livros e não é somente ele que está lá. Outros amigos poetas mortos me saúdam. Valdimir Diniz, com sua paixão por Brasília, me abre seus poemas para que eu os visite. Henry Corrêa de Araújo me recorda sua trajetória de fazedor de versos e filhos. Cacaso oferece seu mar de mineiro. Que coisa é esta ser poeta, cantar a vida e ficar assim exposto à fragilidade humana de se acabar a qualquer momento?

Lembro-me do Adão desde os tempos da faculdade. Poeta, mineiro e negro. Acabara de lançar seu primeiro livro de poemas: *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*. Sujeito cordial e tímido vindo do Serro. Tinha diante dele todos os obstáculos do mundo e, na medida do que lhe era possível, os enfrentava. Morava naquele edifício que toda a cidade conhecia como Balança Mas Não Cai. Não caiu até hoje, mas, já naquela época, era exemplo de desleixo e descaso. Para visitá-lo, no último andar, era necessário subir uma infinidade de andares, pela escada e no escuro. O refúgio do poeta, naqueles tempos, não era dos mais habitáveis.

Com o tempo, melhorou de vida, aperfeiçoou os versos e pôde, com a colheita de inumeráveis amigos por toda parte em que ia, enfrentar a barra da vida. Timidez e cor da pele nunca bloquearam seus passos de homem generoso. Foi sempre muito maior que o preconceito estúpido dos medíocres. Apanhou muito, mas devolveu as agressões com versos. “Para um negro/ a cor da pele/ é uma sombra/ muitas vezes mais forte/ que um soco./ Para um negro/ a cor da pele/ é uma faca/ que atinge/ muito mais em cheio/ o coração”. Sua origem na epiderme, sua origem no interior da alma do povo escravo, sua família. O avô Teodoro: “Suas calejadas mãos/ vaquejando nuvens perdidas/ na memória./ Suas calejadas mãos, pastoreando madrugadas/ em lombos de cavalos misteriosos. Suas calejadas mãos/ apascentando/ tênues luzes de luas/ em remotas fogueiras/ de São João/ & cachaças./ Suas calejadas mãos/ analfabéticas/ marcadas/ suadas/ picadas, indefinidamente/ até o último escorpião./ Sua voz sentida/ pela noite adentro. Sua voz falida pelas portas adentro./ Sua voz sofrida pelo sangue adentro.”

Não havia mágoa, havia sentimento e poesia na vida e nas palavras de Adão Ventura. Até que o abutre da doença devorasse seu corpo. Mas a morte que retira o ar do homem é incapaz de calar a voz do poeta. De seu corpo negro, mineiro e brasileiro resplandece, para sempre e para todos, o azul anunciado em seu primeiro livro e, enfim, revelado na hora derradeira.

FERNANDO BRANT

(1946-2015), mineiro de Caldas, foi poeta e compositor

(Crônica publicada no jornal *Estado de Minas* em 18 de junho de 2004, posteriormente reunida no livro *Casa Aberta* (Dubolsinho, 2012)

A COR DA PELE

SILVIANO SANTIAGO

Adão Ventura, poeta negro mineiro, acaba de publicar uma coleção de poemas sob o título de *A Cor da Pele*. À primeira vista, o livro escapa à tradição modernista da poesia negra, pois nele não encontramos referências concretas e precisas a elementos de cultos africanos ou afro-brasileiros, como ainda nele não lemos transcrições fonéticas um pouco ridículas do que seria o falar “estropiado” do negro. Basta uma leitura rápida dos poemas negros de um Jorge de Lima, ou de um Raul Bopp, para de imediato percebermos que a poesia de Adão Ventura é também negra, mas de outra estirpe.

Adão Ventura filia-se ao que se poderia, chamar – insistindo ao máximo no paradoxo - a tradição ocidental da poesia negra, tradição esta elevada à condição soberana por um Cruz e Souza em pleno movimento simbolista. Isto quer dizer que Cruz e Souza e Adão fazem legítima poesia ao mesmo tempo que fazem excelente poesia negra. Isto porque o elemento negro no poema não é produto de ornamentação vocabular, o que apenas denotaria certo exotismo tão ao gosto de poetas de linha romântica. O negro como produto de ornamentação vocabular acaba por dar origem a uma poesia, como diria Oswald de Andrade comentando o farisaísmo folclórico de Cassiano Ricardo, que é “macumba pra turista”. O elemento negro, na poesia de Cruz e Souza e nestes curtos poemas de Adão, advém do drama negro que é refletido pela poesia e que o poema (sem cor vocabular) carrega de alta tensão emocional. O elemento negro no poema, íntimo ou histórico, social ou racial, é antes sujeito ou objeto de reflexão do que arabesco de decoração. Enquanto reflexão, apela para a consciência crítica do leitor e para a revolta contra o estado passado e presente.

Para o poeta negro a cor do vocabulário não tem importância, não tem a importância que a ela lhe emprestam os “estudiosos brancos” da questão negra nos trópicos. A originalidade da poesia de Adão advém do sentimento da cor da pele. A cor da pele: algo de pessoal e intransferível, e ao mesmo tempo algo de coletivo e histórico. O homem se descobre negro na tessitura da pele, e nesta vê as marcas da escravidão e do degredo, e sente os sofrimentos e a Mãe-África. Vale dizer: descobre a história da escravidão e a comunidade dos escravos. Diz o poema:

em negro
teceram-me a pele
enormes correntes
amarram-me ao tronco
de uma Nova África

A cor do vocabulário importa para o folclorista, o antropólogo e o poeta branco. São estes que visam a preservar, através de um discurso condescendente e piedoso, científico e reparador, os crimes e injustiças cometidos pelos próprios brancos contra os negros, e acrescentemos: contra os índios. São eles que insistem em guardar as relíquias da destruição, num desejo de preservação póstuma por parte da cultura branca dominante.

O poeta negro sabe mais do que a cor das palavras e o valor das relíquias póstumas. Pode dedicar, como Adão o faz, o livro para os “90 anos da abolição da escravatura no Brasil”, assinalando aí o débito do negro à

elite branca da época, ou aos negros que dela se aproximaram. No entanto algo de mais profundo ainda permanece na cor da pele. Nomear a abolição da escravatura no pórtico do livro é - não tenhamos ilusão - pactuar com o que ela NÃO fez, com o que está por fazer. Diz o poema “Negro forro”:

minha carta de alforria
não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco,
nem bigodes retorcidos.

Ou como diz “O Negro-Escravo (Uma versão para o século XX)”:

o negro-escravo -
e seus dentes cariados

A cor da pele é marca indelével que não se apaga com os bons sentimentos humanitários ou patrióticos, nem com a política paternalista dos governantes ou populista de oposição. Por isso é que o elemento negro não é relíquia ou simples vocábulo para Adão. É algo de presente e premente. O negro é confluência de corpo e pele; o negro é lugar e tempo de ação. Ação difícil, quase impossível, pois a raça perdeu o seu horizonte histórico com o degredo e a escravidão, encontrando-se murada num país que não é e não pode ser o seu. É desta forma que compreendemos a recorrência das palavras “muro”, “parede”, “curral”, nos poemas de Adão. Vejamos:

Carrego comigo
a sombra de longos muros
tentando impedir
que meus pés
cheguem ao final
dos caminhos.

Se com as novas fronteiras nacionais existe um ganho de nacionalidade (o negro é brasileiro), com elas se perde a condição histórica (o negro abandona a Mãe-África). As fronteiras impostas pela escravidão passam a ser o verdadeiro muro para o negro, aquele que não o deixa vislumbrar nem o caminho histórico da raça no seu continente, nem o caminho do retorno. As fronteiras foram o alçapão do colonizador e hoje são o alçapão do colonizado. Com o substantivo Brasil e com o adjetivo brasileiro (curiosamente só mencionados sob a forma de topônimos regionais),

construiu-se para o negro nos trópicos um muro - confortável para alguns, como veremos - de que o negro lúcido de hoje não consegue desvencilhar-se. Resta-lhe este viver emparedado no presente, que transparece no poema “Faça sol ou faça tempestade”:

faça sol ou faça tempestade
meu corpo é cercado
por estes muros altos,
- currais
onde ainda se coagula
o sangue dos escravos

Este sentido de prisão, de enclausuramento, lhe é dado pela cor da pele, pelo sentimento na cor da pele:

faça sol
ou faça tempestade
meu corpo é fechado
por esta pele negra

As referências culturais são vagas e apagadas para o negro no Brasil, ao contrário do que acreditam os nossos cientistas sociais, imbuídos da teoria do mulato tropical. “Sua voz falida / pelas portas adentro”. Tão vagas e apagadas são, que elas apenas servem para constituir o “preto de alma branca”. Em poema terrível e extraordinário, apaixonante, Adão levanta “ligeiras conceituações” sobre o preto de alma branca, que não deixam dúvida quanto à proveniência da expressão. Ela só pode ser elogiosa pelo seu lado branco. Do outro lado, diz o poema:

o preto de alma branca
e a sua cor de camaleão

o preto de alma branca
e o seu sujar na entrada

o preto de alma branca
e o seu cagar na saída

o preto de alma branca
e o seu sangue de barata

Constituído para não-ser, o negro teve de incorporar os valores brancos, dados como positivos, para poder aparecer socioeconomicamente. A alma branca é a aparência que resguarda o negro da violência e do anonima-

to e que baliza as suas ações comedidas e mesquinhas, controladas. Combatendo as falsas aparências, Adão insiste para com que o preto assuma a sua alma negra e vire o que é na pele, um negro, buscando assim uma identidade que escapa às pressões da sociedade cordial. Para desacreditar as falsas aparências, é preciso ir fundo, não temendo dizer a verdade da violência que se manifestou na escravidão:

levar um negro ao tronco
e cuspir-lhe na cara

levar um negro ao tronco
e fazê-lo comer bosta

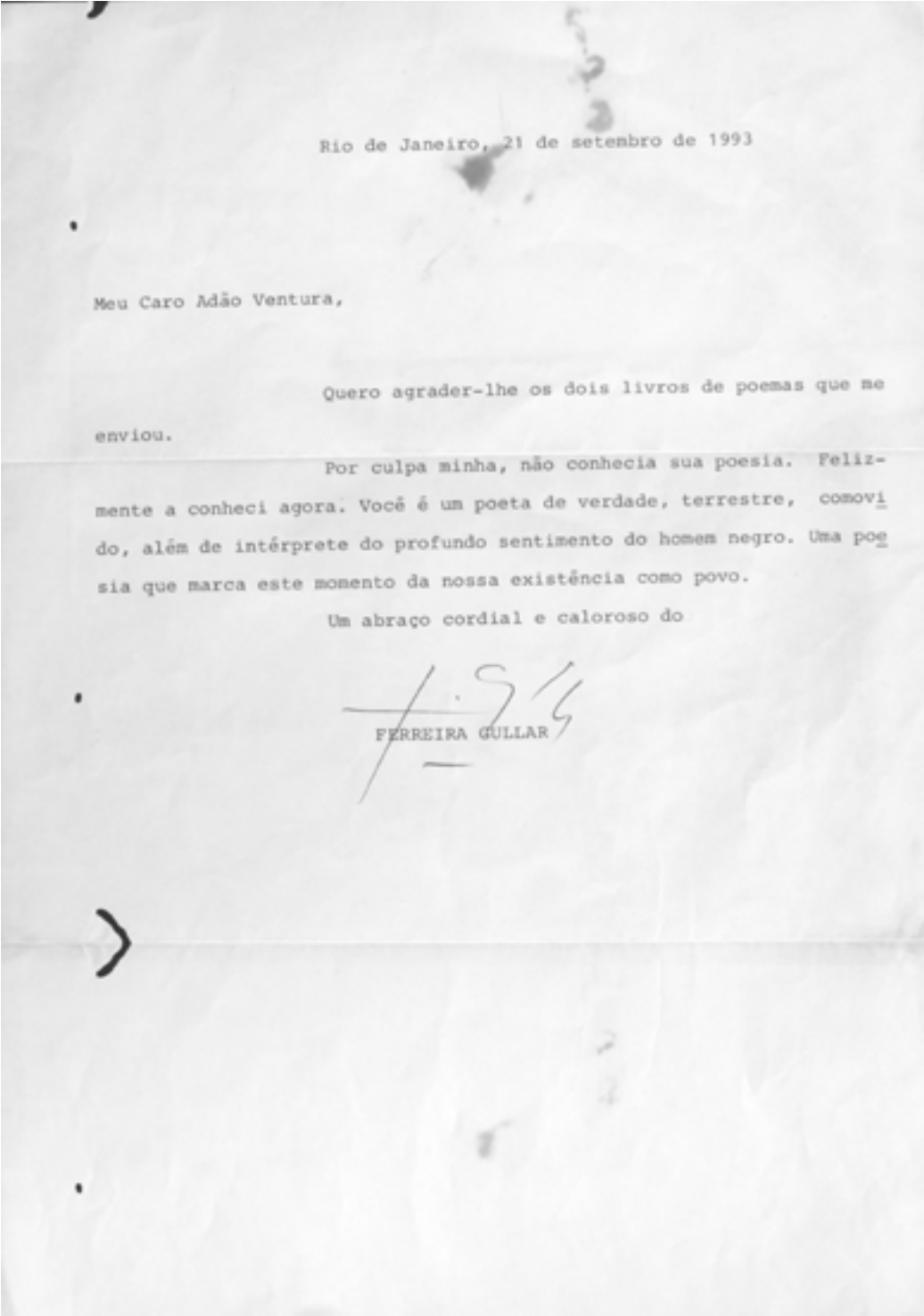
Com estes versos, Adão não procura simplesmente “rebaixar” o negro, como pode parecer numa leitura menos cuidadosa. Nomear o aviltamento do negro pela escravidão é a única maneira de poder reconstituir o negro como não-ser no passado e como identidade social a ser construída no presente. Tudo isso sem as peias da ideologia da cordialidade. O “rebaixamento” constitui historicamente o negro no Brasil e constitui a sua identidade política hoje. É através dele que pode surgir uma voz menos adocicada e um corpo com menos ginga, mas com uma ação mais eficiente e poderosa. Fazer de conta que não houve escravidão no Brasil é o caminho mais fácil para se chegar ao preto de alma branca. Adão sabe que

para um negro a
cor da pele
é uma faca
que atinge
muito mais em cheio
o coração.

Este texto foi publicado originalmente em “Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-sociais” (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982).
Republicado com autorização do autor.

SILVIANO SANTIAGO

Mineiro de Formiga, é escritor, ensaísta e professor. Publicou, em 2019, *Uma literatura nos trópicos* (Cepe Editora). O conjunto de sua obra foi reconhecido com o Prêmio Governo de Minas de Literatura-2010.



Esta edição publica alguns poemas de Adão Ventura.
De *A Cor da Pele*: “Senzala”, “Das biografias”, “Negro Forro”, “Faça sol ou faça tempestade” e “Preto de alma branca: ligeiras conceituações”.
De *Jequitinhonha (poemas do Vale)*: “Natal”.
De *Litanias de cão*: “Alfabetização”.
De *Texturaafro*: “Comensais” e “Agora”.
E de *Costura de nuvens*: “Da palavra e seu habitat”; “Nesta mão” e “Preconceito”.

REPRODUÇÃO DE CARTA DE FERREIRA GULLAR, DE 1993, E IMAGENS DE ADÃO VENTURA EM VAGÃO DE TREM PERTENCEM AO ACERVO DE ESCRITORES MINEIROS, DA UFMG



REEDITAMOS

A

COR

DA

PELE

SÔNIA QUEIROZ

O poeta Adão Ventura está presente em minha memória desde os meus tempos de estudante de graduação em Letras. Eu participava

do concurso da *Revista Literária* do corpo discente da UFMG e, claro, era leitora da revista, e lá estava ele, Adão Ventura, com poemas premiados em seu período de estudante, ao lado de outros jovens escritores que se firmaram como poetas, como Henry Corrêa de Araújo, ou contistas, como Luiz Vilela, Duílio Gomes, Jaime Prado Gouvêa e Luiz Gonzaga Vieira. Calouro do curso de Direito, ainda assinava Adão Ventura Ferreira Reis. Seu belo poema “A Ausente” foi selecionado para publicação no número 2 da *RL*, saído em 1967, e, no ano seguinte, outro, “Poema”, um texto forte, que concorreu com o pseudônimo de Malcolm X. No número 4 do concurso e da revista, ficou em primeiro lugar, com o poema “A cama”, integrante de um série de Poemas/Móveis, da qual outro, “A cadeira”, foi selecionado para publicação no mesmo número da *RL*. No número 5, foi premiado em segundo lugar, com o poema “A propósito de algumas fases do tratamento dentário”, e teve outro poema, “A morte”, selecionado para publicação no mesmo número da revista. No número 6, novamente ficou em primeiro lugar, com “Perspectiva sobre o dentro de um cadáver”:

nesta mão eu te trago a estrada suja de suor, nela escrevi meu nome, dela reconheci a firma, apesar da dor e do sofrimento, muitos anos ocorreram até eu chegar aqui com este testamento todo, timbrado de armaduras e distâncias, fragmentado pelo frágil sorriso de in-

conseqüentes memórias, eis a estrada, ampla e úmida de sandálias de couro cru, de áfricas noites viajadas em navios e correntes.

Gostaria muito de lembrar aqui a experiência de imersão cultural e criação que resultou no livro *Jequitinhonha* – poemas do Vale, de Adão Ventura, e outros livros e discos, como o livro de poemas de Ronald Claver, e o disco de Melão e Lery, um investimento importante da então Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais, na gestão de Paulo Campos Guimarães. Poetas e músicos que viviam em Belo Horizonte se deslocaram numa viagem de inspiração pelo Vale do Jequitinhonha, que levou Adão Ventura a concluir:

acho que a gente poderia ficar por aqui mesmo,
sentar no pé desses montes,
falar com as lavadeiras,
aprender ciência de remédios caseiros,
beber muita cachaça,
escutar modas de viola
– namorar, dançar forró
– espiar a lua crescer na encosta da serra.

É bom poder falar dos encontros com Adão Ventura na Editora Interlivros de Minas Gerais, quando fizemos a *Antologia*, que foi intitulada simplesmente assim. Uma seleção de poemas de mineiros vivos, numa brochura despojada, uma máquina de escrever desenhada por Cláudio Martins na capa plastificada, obra rara hoje, quase ninguém tem. Eu

era uma recém-graduada em Letras e trabalhava como editora de texto, compartilhando sala e dúvidas com o poeta Libério Neves, falecido em 2019, que foi para mim um grande mestre da palavra, em verso e prosa. Por um período, a editora foi frequentada pelo grupo de poetas da *Antologia* – Adão Ventura, Antônio Barreto, Geraldo Reis, Henry Corrêa de Araújo, Libério Neves, Márcio Almeida, Márcio Sampaio, Paschoal Motta e Ronald Claver. Adão Ventura se destacava como um homem alto, forte, com uma voz grave e macia. E talvez fosse naquela época, nos anos 1970, o único poeta negro que eu conhecia de perto.

Aqui e ali, onde eu encontrava a poesia de Adão Ventura, eu percebia e estranhava a quase ausência do negro. Sebastião Nunes, o poeta editor, em texto publicado em 2006 no jornal *O Tempo*, observa que até *As Musculaturas do Arco do Triunfo*, livro lançado em 1975, os temas da cor, da escravidão, da discriminação, da injustiça, aparecem de forma sutil, em alusões. Comenta a edição de um livro de Adão Ventura que causou muita reação à época do lançamento, a começar pelo título – *Abrir-se um Abutre ou Mesmo Depois de Deduzir Dele o Azul*, publicado em 1970:

Título enorme e magnífico. Poesia estranha (há quem fale em surrealismo), em que Adão esconde a cor e exalta o ritmo, foge do conteúdo e fala por alusões, o que é o mesmo que não falar nada. Mas que nada excelentes! Aliás, cabem duas considerações aqui, uma velha como a serra, a de que poesia não serve pra nada, e por isso mesmo é importante neste nosso mundo utilitário. A segunda, e essa foi descoberta minha, é de que na época Adão se dedicava exclusivamente a extrair melodia das palavras, pouco importando seu significado. E é essa a essência do “Abutre”, uma bela demonstração de que poesia não precisa ter sentido.

A experiência de viver nos Estados Unidos teria sido, segundo Sebastião Nunes, fator decisivo para uma mudança de atitude:

Mas foi lá, na terra dos gringos e longe da pinga amada, que Adão pela primeira vez percebeu que era negro. E descobriu da maneira mais prosaica, lavando roupa aos domingos, nas lavanderias públicas, entre brancos que o desconheciam e negavam.

Foi então que escreveu e publicou *A Cor da Pele*, um livro raro hoje, a merecer reedição cuidadosa.



SENZALA

Senzala
é a minha carne retalhada
pelo dia a dia.

Senzala
é a sombra que tenho aprisionada
nos guetos da pele.

SÔNIA QUEIROZ

É poeta e professora da Faculdade de Letras da UFMG, na área de edição. Sobre línguas e culturas afrobrasileiras, publicou os livros *Pé Preto no Barro Branco: a língua dos negros da Tabatinga* e *Palavra Banto em Minas*, ambos disponíveis para acesso gratuito em ebook, no site da Editora UFMG.

POEMA DAS INSTITUIÇÕES

ZÁTILA

Adão Ventura Ferreira Reis
Fao. de Direito — 5º ano

inaugure no corpo
a seiva dos sonhos
forjados no mito.

inscreva nos gestos
a fôrma dos ritos
usuais do anônimo.

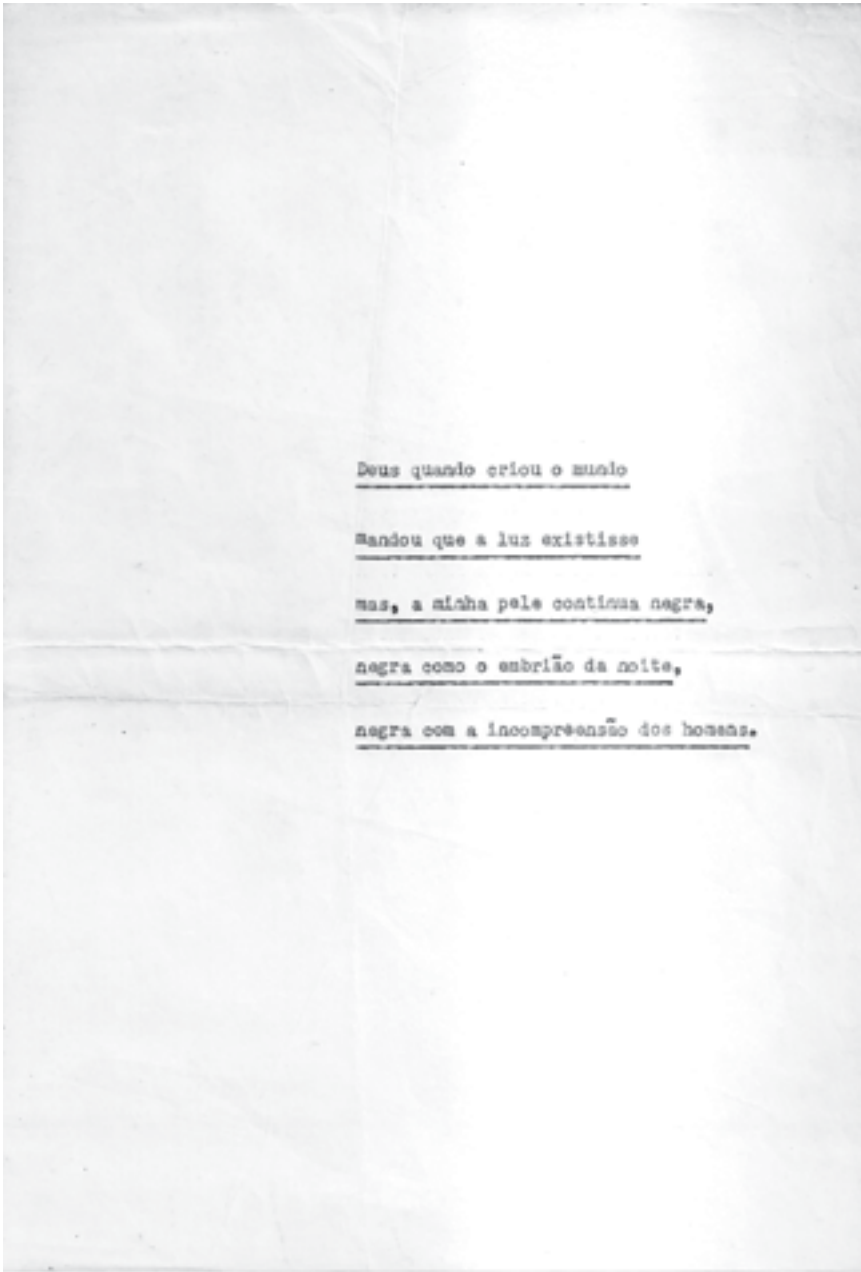
instaure no sangue
a fôrça da fala
gerada no ódio.

imprima na pele
o silêncio da pôse
haurida no têrmo.

instrua na campa
o corpo da posac
fraudada no êrro.

67





Sobre a dor
DO AMOR

A dor
amor é
dívida?

A dor
amor é
dúvida?

A dor
amor é
dádiva?

A amor dor
é doada
de papel passado?

Ou
a amor dor
é dada para ser domada?

“EU ACHO QUE O NEGÓCIO É DERRUBAR A PORTA”



ADÃO VENTURA EM REUNIÃO COM LIDERANÇAS DE MOVIMENTOS NEGROS, NO DIA 10 DE FEVEREIRO DE 1988, DIA DA ABOLIÇÃO

Você podia falar do Movimento Negro Mineiro, que você inclusive chefia, certo?

O Movimento Negro não tem chefe, tem vários participantes. Pelo fato de trabalhar na Secretaria de Cultura na parte de Coordenação Cultural, eu tenho que dar um assessoramento a todos os movimentos e pessoas isoladas que me procuram. Por exemplo, um grupo de congadeiros de Rio Verde chega lá me

pedindo um apoio. A gente tem que dar esse apoio. Bom, em relação a essa expressão “não há preconceito”, é uma coisa óbvia que existe preconceito, contundente e próximo de todos nós, não só dos negros, mas dos brancos. Isto todo mundo sabe, que existe preconceito. Eu acho que cabe ao negro, ao trabalho de todos nós, independentemente de movimentos e de filosofia, conquistar este espaço. Não vamos esperar que as pessoas nos cedam este espaço. Eu acho que o negócio é derrubar a porta.

O negócio é o seguinte, não há nenhum preconceito se o cara é brilhante. Você é um cara brilhante, você é uma exceção.

Eu acho que exatamente por eu ser um artista, as pessoas conhecem meu trabalho (uma prova disso é que *A Cor da Pele* esgotou a terceira edição e está saindo a quarta). Então isso me dá uma carga a mais de responsabilidade em relação ao problema, não só meu mas da minha raça. É aquela coisa de você lutar com unhas e dentes para conseguir esses espaços, que quando surgem não são meros presentes, não vêm de mão beijada, mas é um espaço conquista e que nós não queremos perder. E essa coisa tem acontecido, em São Paulo tem o Conselho para o Desenvolvimento da Cultura Negra, tem também lá uma assessoria para assuntos afro. No Ministério da Cultura tem um Departamento de Etnias, negros e índios. Quer dizer, tudo isso foi uma luta que alguns negros desenvolveram.

Como é que tem se manifestado o preconceito em relação ao negro em Minas Gerais?

Esse negócio de preconceito, tem, por exemplo, a Lei Afonso Arinos, que é uma lei camaleão, que é uma lei que não consegue ser aplicada, foi feita por uma pessoa que não sente na pele o problema. Então eu acho que um dia, quando que essa lei for feita por um negro que nasceu dentro do esquema, do encurralamento dessas questões, então ela será uma lei forte. E eu acho que a coisa não deve ser feita de cima para baixo. Não funciona de cima para baixo. Não adianta, por exemplo, o Sarney alterar essa Lei Afonso Arinos, impor esta lei de uma maneira até ditatorial. Por exemplo, nós discutimos na semana passada sobre a adoção da capoeira nos currículos escolares. Porque o judô é aceito em diversas escolas. As pessoas optam pelo judô em detrimento da capoeira que, além da relação com a história do Brasil, faz parte das nossas raízes. A nossa luta é esta. No dia em que o menino lá do bairro Santa Cruz aprender a história da capoeira, a história do congado, e depois ele for militar, ele vai respeitar muito mais não só a raça dele – porque às vezes o próprio negro discrimina o negro – vai ter mais embasamento. Não será a partir de uma lei que diz que a partir de amanhã não se pode mais admoestar o negro, que se vai ser forçado a cumprir a lei. Isto não funciona, nunca funcionou. Eu acho que é um processo democrático. Demo-

cracia não se faz com decreto. Então, na história do negro, o decreto não resolve. Isso aí é uma história de lutas constantes. “Não pode entregar a rapadura”, como se diz lá no Serro. Eu sei que é um trabalho difícil, um trabalho árduo, todos os dias eu tenho problemas para resolver, no meu caso, eu trabalho na Secretaria de Cultura e eu sou um artista. Às vezes eu recebo problemas assim: uma pessoa pobre, lá duma cidadezinha de interior, vem e diz que chegou lá o dono da situação e tomou o terreno dessa pessoa. Aí eu tenho que ligar para lá para ver se tem um colega advogado para resolver aquilo ou se eu conheço alguém no cartório. Quer dizer, me foge, e, ao mesmo tempo, eu procuro resolver. Precisava ser criado urgentemente um espaço desse tipo na Secretaria de Segurança para justamente coibir esses abusos que sempre acontecem. Por exemplo, na Secretaria do Trabalho, a discriminação na área profissional é um problema sério. Então teria que ter uma assessoria jurídica social em todas essas secretarias.

Quer dizer que a abertura do espaço na Secretaria de Cultura é o mínimo, por enquanto, é um grande passo, ou é um passo pequeno?

É o mínimo, mas lá se cuida de vários assuntos. Por exemplo, congadeiro do qual tomaram a terra, como é que ele vai se aposentar bonito para a sociedade da cidade dele ver? Então, é um problema de raiz. Um cara doente não tem condição de apresentar a dança de São Gonçalo, lá em Pirapora. É um trabalho rico, a gente aprende muito. Essas coisas também, partindo de um princípio e eu nunca fui um artista isolado em torre de marfim. Meu trabalho prova isso. Eu acho que o artista tem que conhecer todos os problemas, pois aí enriquece a sua obra. Você pega um Dostoiévski, um Joyce e outros artistas que tinham conhecimento de tudo para escreverem seus livros.

Adão, vamos falar de A Cor da Pele. Você antes de A Cor da Pele publicou outros livros. Todo mundo o acusava de ser elitista, de fazer poesia para branco. Agora, eu quero que você me conte como nasceu A Cor da Pele, de capa preta e tudo.

A Cor da Pele nasceu exatamente depois da minha experiência de viver nos Estados Unidos por um ano. Vi os problemas de perto, senti as coisas de perto. Se eu não tivesse feito essa viagem, eu acho que hoje eu

estaria fazendo surrealismo ainda. Foi uma viagem muito importante, uma espécie de autodescoberta. Só me descobri viajando, vendo as coisas lá de fora. Lá é que fui me descobrir. Quando fui pra lá, eu já tinha me formado em direito, eu já tinha publicado um livro, “O Abutre”, mas só lá senti, como se diz, o preto no branco.

Quer dizer que quando você viveu no Brasil, você foi tapeado pela aquela história de não haver preconceito?

O problema da realidade, você tem que procurar ver aqueles que estão sendo massacrados. A minha viagem aos Estados Unidos me revelou o problema da negritude – eu não gosto muito dessa palavra. Mas, então, esse livro surgiu depois da minha volta. Depois desse livro, começou a minha integração, tanto que as pessoas dos movimentos descobriram esse livro, poemas dele foram sendo citados nas suas manifestações.

Em matéria de satisfação pessoal com o produto?

Pelo produtor, eu volto a dizer que A Cor da Pele é um livro que já esgotou três edições, vai sair a quarta agora. É um livro que já foi estudado em três faculdades, em inúmeros colégios de todas as classes sociais. Não só em Belo Horizonte, no caso de colégios, mas no lugar mais distante da divisa de Minas com a Bahia, como Águas Formosas, Águas Vermelhas, dos mais diversificados pontos do mapa.

Adão, como é que você acha que vai conscientizar a população negra do Brasil?

Esse é um processo moroso, um trabalho que não começou ontem e nem vai terminar amanhã. Eu acho que a coisa está evoluindo bastante. Essa semana participei de um encontro. Um pessoal mais jovem com o objetivo de fundar um centro afro-brasileiro. Mas tinha uma outra proposta. Por exemplo, de promoções recreativas, festas, bailes, churrascos etc. Eu acho isso interessante também. Porque se você enfiar um monte de coisas na cabeça do cara ele participará de uma reunião e olhe lá. Tem que ter violão, amizade, comunicação, senão fica uma coisa muito chata. Então eu achei interessante a proposta dele. Vai ter um churrasco no sábado onde vão se reunir muitas pessoas e você dará o recado sem chatear.

Você não acha que a cultura patrocinada pelo Poder é um pouco suspeita?

Eu acho que o Estado e o país têm uma grande dívida com a raça negra. Essa raça que há quatrocentos anos construiu tudo isso que estamos vendo aí, com trabalho de graça. Ouro Preto, Congonhas, Diamantina etc. Então eu acho que é obrigação do Estado. Não na expressão paternalista porque eu não aceito isso. Eu conduzo meu trabalho na Secretaria.

O que acha de ser aplicada aqui a absorção profissional do elemento negro, como acontece nos Estados Unidos, onde isso é obrigatório por lei?

Essas coisas impostas de cima para baixo. Eu acho que isso pode ser realidade nos Estados Unidos, onde a cultura e o processo histórico são outros, mas não é viável aqui para nós. É aquilo que eu sempre defendo, o negro tem que conquistar o seu espaço, conseguir o trabalho porque ele é competente e não porque ele é negro.

E quando o cara é competente e não tem espaço porque ele é negro?

Eu sei que isso existe. Mas é por isso que existe esse trabalho que a gente vem desenvolvendo. Essas ideias que a gente está sempre debatendo. É uma situação que cabe não só nas pessoas dos movimentos negros. Mas nas outras pessoas, de outras etnias, que têm uma boa cabeça. Mudar essa situação, porque ser aceito como médico ou advogado não serve.

Como é que está a literatura brasileira?

Que pergunta, hein?

Se você fosse o Pelé, e estivesse marcando seu milésimo gol, você o dedicaria para as criancinhas?

Para quem?

Não, eu dedicaria ao povo negro.

Cite, para encerrar, três negros importantes no Brasil.

Zumbi, Zumbi e Zumbi.

SAUDAÇÕES PARA ADÃO VENTURA

PAULINHO ASSUNÇÃO

[sair pela tangente, iludir o vento,
atrair relâmpagos, contornar a ponta
mais extrema de um grito, arder no frio,

gelar no fogo, ser parte inseparável
do escuro, cravar no dia os dentes
pontiagudos, remar pelo rio acima

até que o fim seja começo, arranhar
as unhas no invisível, domar o potro
louco sem pescoço, virar a tampa

do cozido, encher com ervas o elixir
mais demoníaco, ver o risco do corisco,
puxar a língua do eunuco, roubar

dos deuses o fogaréu e o arbítrio,
verter o ácido sobre o quisto, tirar
o ás do meio do baralho, atar os laços

do horror no mastro do navio, quebrar
o ovo, lambar o orvalho, zunir com a bala
a orelha do casmurro, pedir a música,

propor a dança, cavar a cova, induzir
o corvo ao nevermore possante e altivo,
morder as uvas, riçar a superfície

seca do espelho, martelar o nada
até que a antioia seja lâmina, dissolver
a moeda, incendiar o circo, assaltar

o comboio que leva a santa, achar
o atalho para a ilógica via da poesia.]

PAULINHO ASSUNÇÃO

Mineiro de São Gotardo, é poeta e
ficcionista.

REPRODUÇÃO ACERVO ESCRITORES MINEIROS UFMG



CARICATURA DE ADÃO VENTURA DE AUTORIA DE JOÃO BOSCO

ACERVO SLMG



ADÃO VENTURA E EQUIPE FUNDAÇÃO PALMARES - 1989

PRECONCEITO

— Muitas vezes
a cor da pele
é uma grande parede.

Daí
o abraço frouxo,
o beijo mal dado
e o sorriso amarelo.

COMENSAIS

A minha pele negra
servida em fatias,
em luxuosas mesas de jacarandá,
a senhores de punhos rendados
há 500 anos.

AGORA

É hora
de amolar a foice
e cortar o pescoço do cão.

— Não deixar que ele rosne
nos quintais
da África.

É hora
de sair do gueto/eito
senzala
e vir para a sala
— nosso lugar é junto ao Sol.

FAÇA SOL OU FAÇA TEMPESTADE

faça sol ou faça tempestade,
meu corpo é fechado
por esta pele negra.

faça sol ou faça tempestade
meu corpo é cercado
por estes muros altos,
— currais
onde ainda se coagula
o sangue dos escravos.

faça sol
ou faça tempestade,
meu corpo é fechado
por esta pele negra.

VIAGEM À CAPITAL

Eu, menino
enfatiado,
roupa domingueira,
vindo do Serro
e, puxado por minha mãe,
Sebastiana de José
do Teodoro,
desço da jardineira
e entro no bar
e Restaurante Chapéu de Sol.

- O Véu da Noiva
foi meu primeiro encantamento
Adalberto

VIAGEM À CAPITAL

Eu, menino
enfatiado,
roupa domingueira,
botina nova
vindo do Serro
e, puxado por minha mãe,
Sebastiana de José
do Teodoro,
desço da jardineira
e entro no Bar
e Restaurante Chapéu de Sol.

-O Véu da Noiva
foi meu primeiro encantamento.

INVENÇÃO E LIBERDADE

NA TRADIÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

A história da literatura brasileira nos apresenta aspectos de ordem social e étnica que influenciaram a formação de escritores e público leitor em nosso território. Dentre esses aspectos se destacam o vínculo de nossa literatura com as fontes europeias, a expressão em língua portuguesa, o sistema escravista, a discriminação racial e cultural de negros e índios – aspectos, enfim, que indicam a interferência da colonização em nossa origem como sociedade e produtores-consumidores de literatura. A herança colonial imprimiu na literatura (série literária) esquemas que nortearam as relações entre colônia e metrópole (série social). Assim sendo, na série social se estabeleceu uma linha hierárquica que demarcava a colônia como o lugar da barbárie em oposição ao estado de civilização da metrópole. Na série literária as modalidades de linguagem ameríndias e africanas foram ignoradas como formas estéticas e silenciadas pelas correntes estéticas europeias. As referências estéticas afro-ameríndias, nas ocasiões em que se tornaram “objeto literário”, passaram pelo filtro do gosto europeizado, sem que, no entanto, fossem expressadas através dos seus próprios recursos de representação.

O antropólogo Antônio Risério, em seu livro *Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros* critica o silêncio que a colonização europeia, diversos autores e críticos da história da literatura brasileira impuseram ao repertório textual africano. Risério observa que “o texto criativo africano foi ladeado ou ignorado” e “não conheceu, na história da cultura textual brasileira, o mesmo destino que premiou o texto ameríndio”, especialmente na chamada fase indianista de nosso Romantismo. Uma análise da poesia afro-brasileira

contemporânea revela que entre os próprios poetas afrodescendentes, salvo algumas exceções, há um relativo abandono do texto criativo africano em parte representado pelas realizações poéticas de fundo religioso como os orikis do Candomblé (de matriz iorubá) e os pontos de Candombe (de matriz banto). Os orikis e os pontos podem ser interpretados como elementos rituais que auxiliam a fundamentação de valores sociais de determinadas tradições afro-brasileiras. Mas, além de sua importância como documento cultural, os orikis e os pontos podem ser entendidos como criações literárias. Neles estão presentes os procedimentos que fundamentam a obra poética, ou seja, figuras de linguagem, ousadias sintáticas e estruturação de ritmos são fatores que fazem dos orikis e dos pontos obras literárias que sintonizam o sujeito com a realidade social e os rumos inumeráveis da imaginação.

Considerando, de um lado, o impacto da herança colonial na formação do escritor e do circuito literário brasileiro e, de outro lado, a escassa viagem dos poetas afrodescendentes ao texto criativo africano – nos permitimos delinear duas direções na atual poesia afro-brasileira. Utilizaremos os conceitos operacionais tendência historicista e tendência de invenção para suprimos a ausência de termos mais pertinentes. Uma tendência não exclui a outra, as duas se relacionam para afirmar diferentes aspirações da comunidade afro-brasileira. A tendência historicista indica o desejo explícito do poeta de estabelecer a ligação entre a obra literária e a realidade social. A literatura é vista como algo mais do que obra de arte, na medida em que pode e deve ser um instrumento de intervenção na sociedade. Questões graves como a discriminação racial, a miséria e a violência se tornam temas centrais da obra poética que enfoca a trajetória dos afro-brasileiros. A atual poesia afrobrasileira apresenta vários autores que se encaixam – pelo menos numa abordagem geral – nesta tendência a que chamamos de historicista, como é o caso de Adão Ventura. Também é certo que sua obra nos desafia a buscar outros significados para além dos parâmetros historicistas.

Nessa perspectiva, a voz de Adão Ventura se exprime na intensidade de uma poética que combate a opressão social e psicológica, que cobra o justo lugar para o negro na sociedade brasileira, que fala sobre assuntos até então considerados “não poéticos”. O poeta forja em alta temperatura uma linguagem que instiga seus leitores à reflexão, uma vez que denuncia o racismo, a violência e a miséria de uma parte expressiva da sociedade brasileira. Essa perspectiva de criação é uma dos aspectos que faz da poesia afro-brasileira contemporânea um campo fértil, onde estão sendo plantadas sementes diversas, que serão responsáveis por diferentes árvores, cada qual com seus frutos e seus espinhos.

Um dos caminhos para ler Adão Ventura procede do forte sentimento de individualidade que identifica o eu em meio à coletividade. O poeta quer falar de todos ou por todos, mas de acordo com a sua sensibilidade individualmente marcada. A poética de Adão Ventura é existencial no sentido de ser vivida no cotidiano, como experiência lírica do homem no seu tempo e no tempo dos ancestrais.

O interesse de Adão Ventura pelos temas históricos, particularmente aqueles relacionados ao sistema escravista brasileiro, conduz o

poeta ao instante inicial do fato. Esse mergulho histórico e arqueológico, que explicita acontecimentos e modos de vida marginalizados, viabiliza uma poética de imagens cerzidas pelo olhar crítico de Adão Ventura, fato similar ao que ocorre nas poéticas de Solano Trindade e Oliveira Silveira, no Brasil, e Langsthor Hughes, nos Estados Unidos. A poética de Adão Ventura, inserida nessa linhagem de reinterpretação poético-crítica da história, se detém na apresentação dos fatos, indicando um dinamismo que poderá se desdobrar em eventos favoráveis ou não aos sujeitos afrodescendentes.

O tema da comparação entre o passado e o presente é uma constante na tendência historicista, aparecendo nos textos de forma explícita ou implícita. Constitui um método que permite ao poeta estabelecer juízos de valor sobre a sociedade de ontem e de hoje. Isso possibilita a construção de quadros ideais (quando o passado longínquo da África mostra o negro fora do alcance da escravidão) ou de quadros críticos (quando a opressão sobre o negro se manifesta em diferentes épocas, sob diferentes máscaras de escravização). (...) Na poética de Adão Ventura o juízo de valor revela um passado e um presente que aprisionam o sujeito negro, antes com as correntes, hoje sob a própria pele. Enquanto prevalecer o preconceito, passado e presente serão semelhantes. Por isso, as metáforas antigas continuam a fazer parte do vocabulário do negro contemporâneo, tal como se pode observar nesse *flash-back* registrado por Ventura:

áfricas noites viajadas em navios
e correntes,
imprimem porões de amargo sal
no meu rosto,
construindo paredes
de antigas datas e ferrugens,
selando em elos e cadeias,
o mofo de velhos rótulos deixados
no puir dos olhos.

Por sua vez, a tendência de invenção da poesia afro-brasileira contemporânea não representa uma simples oposição ou negação da tendência historicista. As duas tendências dialogam entre si e uma fornece elementos para compreendermos a importância da outra no conjunto da literatura brasileira. A tendência de invenção tem como um de seus aspectos singulares o entendimento da literatura como uma realização da (na) linguagem. À primeira vista isso poderia significar o abandono dos fatos sociais, o afastamento da realidade e a conseqüente falta de compromisso com a defesa dos direitos dos afro-brasileiros. Mas, segundo a tendência de invenção, a linguagem está profundamente enraizada na realidade, é um fruto da ação social do sujeito. Através da linguagem o sujeito estabelece e sustenta teias de comunicação, revela a si mesmo e o outro, articula argumentos para entender e dinamizar sua existência. Enfim, é na linguagem e pela linguagem que a história adquire sentido para o sujeito e para o seu grupo social.

Não haverá uma abrangente e profunda consolidação das mudanças na história (particularmente no sentido de inserção dos grupos menos favorecidos numa ordem social justa e inclusiva) se não houver também a criação de uma nova linguagem, aberta ao diálogo com s diferentes perspectivas identitárias.

A tendência de invenção, no âmbito da literatura afrodescendente, aborda os fatos históricos e busca para eles uma formulação de linguagem que se alimenta do solo cultural afro-brasileiro e de outras referências culturais, históricas e sociais. Nos apoiamos nas reflexões de Leda Maria Martins, apresentadas no livro *A cena em sombras*, para demonstrarmos que a tendência de invenção se articula a partir de uma “concepção metafórica e mágica da linguagem, por meio da qual a palavra desliza por vários significados, recusando ancorar-se em qualquer valor absoluto e emblemático”. Essa linguagem escapa aos emblemas realistas e naturalistas que definem e limitam as funções da literatura. A linguagem da tendência de invenção encontra sua melhor explicação metafórica na figura de Exu, entidade múltipla do panteão religioso iorubá. Exu mora no começo e no fim de tudo, simultaneamente; é a imagem e a diferença de si mesmo. O dinamismo da mudança reforça a existência de Exu em tempos e lugares diversificados. Nas cerimônias do Candomblé, Exu é o primeiro invocado para inaugurar as celebrações. Exu é doce e ácido, divertido e perigoso, criador e devorador, causa entendimento e desentendimento. Exu existe na diversidade que o torna único. O mundo dos orixás e dos homens precisa de Exu para compreender os opostos e para gerar a atração entre eles.

Assim é a linguagem da tendência de invenção, um verbo-Exu. Ela é inauguradora de um determinado modo de fazer poesia; é múltipla para afirmar e negar a si mesma. É a remota linguagem dos antigos que surge nova aos descendentes; é a linguagem que revela enigmas e também desorienta os sentidos. É a linguagem da história vista não como documento, mas como evento em que se combinam as forças da permanência e da mudança. A linguagem da tendência de invenção é de natureza metafórica, pois a constituição da metáfora parte da associação de caracteres ou de fatos conhecidos para criar novas instâncias de significação. A linguagem da tendência de invenção tem suas raízes na realidade, mas o poeta pode ampliar-lhe as sugestões de significado a partir dos recursos combinatórios da metáfora. A poética de Adão Ventura, tensionada pelo diálogo entre a tendência historicista e a tendência de invenção tem seu ponto alto em obras como *As musculaturas do Arco do Triunfo* e *Texturaafro*: a prosa poética do primeiro (empregada para destacar a tensão entre o erotismo do corpo e o da palavra) e a forma contida do segundo (escolhida para evidenciar um discurso que mais diz quando menos se prolonga na página) revelam um poeta ciente dos conflitos do mundo e, de igual modo, dos embates relacionados ao fazer poético.



ACERVO ARQUIVO DE ESCRITORES MINEIROS UFMG

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

É poeta, ensaísta, professor da Faculdade de Letras da UFJF. Publicou, dentre outros, os livros *A saliva da fala: notas sobre a poética banto-católica no Brasil* e *Entre Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*, ambos pela Editora Azougue, Rio de Janeiro, 2017.

[Este texto é uma versão condensada de ensaio publicado no livro *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, organizado pelo autor]

UMA LEITURA CRÍTICA DOS LIVROS

GUSTAVO TANUS

ABRIR-SE UM ABUTRE OU MESMO DEPOIS DE DEDUZIR DELE O AZUL 1970

Impresso em 1969, um ano após o AI-5, e lançado em abril de 1970, é um livro de uma prosa poética hermética composta por muitas imagens, metáforas, alegorias, símbolos que desestabilizam significantes, apontando para a rede de significados. Texto construído por enunciados inco-muns e por várias cenas díspares sendo enunciadas que dificultam construir facilmente um caminho interpretativo e, por isso, talvez, a conclusão crítica que o tratou como surrealista. Porém, não é a consideração do onírico, do inconsciente em detrimento da razão, com vistas a demonstrar o funcionamento do pensamento, mas sim o tratamento poético de enunciados em que a voz poética narra situações vividas por ele e sua companheira Lygia, do modo como percebem todos os rastros, do imaginário do passado e dos seus modos de permanência (reprodução) do poder no presente da enunciação. Percebe-se, neles, a violência, agressão, o poder repressivo, a colonização; também as linhagens, castas e classes, o racismo e seus efeitos, como a invisibilidade, o emparedamento etc.

AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO 1975

Livro vencedor do prêmio Cidade de Belo Horizonte, continua o mesmo tipo de linguagem do primeiro, porém, com um caminho menos dificultoso. A prosa poética trata de eventos acontecidos em um tempo mítico, tendo, como protagonista que transita esses tempos, Hagbe. São narrados entre ciclos de existência, geracionais, que tratam da convivência entre coletivos, que gestaram “arcos do triunfo”, monumentos erigidos em comemoração da vitória, isto é, da exploração, colonização, aniquilação do outro. Desnaturalizados são o racismo e o preconceito, que atravessam os tempos e são partes estruturantes, as musculaturas, da nossa sociedade.

JEQUITINHONHA: POEMAS DO VALE 1980

Livro cujos poemas contêm uma valorização dos elementos da cultura popular afromineira. Ali, a voz poética reconhece as performances culturais e reconstrói-se como parte delas, como um processo ritualístico de tomada de consciência sobre si e sobre o mundo do Vale. Os poemas trazem uma linguagem mais metonímica, compondo as localidades por meio daquilo que é sua parte, uma circunscrição territorial por seus atores e personagens, suas atividades laborais, rituais, suas estéticas e poéticas. São destaques a religiosidade, a música, a dança, a lida na lavoura, as lavadeiras, a família e o conflito entre a vida no ambiente rural e a nos centros urbanos. Enlace dos leitores à realidade de sua terra.

A COR DA PELE 1980

Escrita poética da história pessoal que se estende a uma certa história, poética, da situação dos sujeitos negros no país, pelo viés da cor da pele, expondo por processos metonímicos, metafóricos, por ressemantizações, as reduções preconceituosas e racistas que os corpos negros receberam como legado do sistema escravista, estruturantes de relações sociais dos dias de hoje. A voz poética trata também dos modos de reconstrução da identidade e da autoestima, por meio do elo com seus ancestrais. É um livro com êxito nas vendas, chegando a cinco reimpressões, que apresenta uma proposta poética mais direta, e talvez, por isso, tenha sido bem recebido pela crítica.

PÓ-DE-MICO, MACACO DE CIRCO 1985

Experiência de escrita para crianças, editado pelo poeta, o livro conta a chegada do circo na cidade e os preparativos para a apresentação. Para acontecer o espetáculo há uma série de atividades a serem realizadas, como o arranjo espacial e a arquitetura da edificação, da escolha do terreno, à montagem da arquibancada; o remendo da lona; a preparação da roupa do palhaço; a busca pela plateia pela divulgação na rua, entre as rimas do palhaço e a música; até o esperado dia em que o palhaço entra em cena. É possível assemelhar tais preparativos como a de idealização, escrita, publicação e leitura do texto poético.

TEXTURAAFRO 1992

Neste livro há um prosseguimento da linguagem poética por versos mais curtos e diretos. Os poemas retomam as diversas con-texturas do ser negro no Brasil, apontando, como fios do tecido, as raízes culturais afro-brasileiras ao retomar tanto as figuras emblemáticas da resistência e orgulho, como Chico-Rei e Zumbi, quanto os ancestrais familiares. A voz poética transita, como a agulha no tecido, e percebe, em um ponto, de um fio, o tratamento desigual dado às mulheres negras, em outro, a educação pela tradição oral nos momentos de colher segredos de encruzilhadas. Tal processo de tessitura evidencia também os modos de reestruturação do poder dominante que vê as periferias como “senzalas modernas”, lugares onde o Estado chega apenas por meio do braço de novos capitães do mato. Por fim, é apontada a necessidade da reescrita da história do negro, por meio de sua resistência, mas também luta, nos quilombos contemporâneos.

LITANIAS DE CÃO 2002

Em outro foco, este livro trata da política, em sua significação mais comum, o sistema político, percebendo-a tanto em seus modos de manutenção do status quo dominante, quanto como recorte que se realiza em um tempo e espaço. Desta última, o poeta enquadra poeticamente as violências em relação às alteridades, as limitações impostas ao poeta e à sua palavra, e também a da corrupção política. Trata dos massacres urbanos cotidianos, representados pelas correntes de pensamento e ação reacionários e extremistas, da Ku Klux Klan aos jovens classe-média que atearam fogo no indígena Pataxó Hã-hã-hãe Galdino Jesus dos Santos, ou ainda das dificuldades de acesso à educação, do lucro especulativo, das ações da bolsa, do peleguismo dentro dos sindicatos, dos pequenos sonhos de sobrevivência por parte dos trabalhadores, do acesso dificultoso à terra etc.

COSTURA DE NUVENS 2006

Publicação póstuma, o livro possui um título que seria, de acordo com documento que encontramos no acervo do poeta, seu projeto após o Litânicas de cão. O volume editado saiu, de fato, como uma antologia, organizada por Sebastião Nunes e Jaime Prado Gouvêa, de poemas já publicados nos livros anteriores e outros dispersos em revistas e jornais nacionais e internacionais e inéditos. O título é interessante e, de certa forma, lê poeticamente toda a obra. Por um lado, o ato de unir por agulha e linha algo que é intangível, como o imaginário; por outro, sendo a nuvem, em um dos seus sentidos, um pesar ou aquilo que dificulta a compreensão, pode ser entendido como uma metáfora para o fenômeno das ideologias.

GUSTAVO TANUS

Poeta, mineiro, doutorando em Estudos da Linguagem pela UFRN. Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG, autor da dissertação *Constelações do poeta negro: imagens de Adão Ventura no arquivo literário* (2017), em que estudou a obra poética, a crítica e o acervo do poeta.

RETRATOS ALTERNATIVOS DE ADÃO

MÁRCIO SAMPAIO

1.
Entre Kafka
e a cafua,
entre o café
e a charrua
o beijo e o requeijão:
 uma barata medita
 sobre a desdita
 de Adão.

2.
Entretendo-se
com Kafka
ao café da manhã,
removendo
a capa
(chaga) da obra vã,
 o poeta me dita
 como o poema se edifica
 ao trânsito do sim
 na pele opaca do não.

3.
Entre Kafka
e a África,
entre o processo
e a ação,
o raro habeas-corpus
e o veneno do escorpião:
 arrola-se o poeta
 no mais cruel delito
 (o ato barato da ficção).

4.
Entre Kafka
e o cafetão,
entre a farsa da carne
e a co-paixão,
o corpo entrando em transe
na fácil feérie da trama
que a aranha tece e assanha,
 uma barata arredia
 sofre a mesma vindita
 de Adão.

MÁRCIO SAMPAIO

mineiro de Santa Maria de Itabira, é poeta,
artista plástico e crítico de arte.



ADÃO VENTURA ESTREIA
EM LIVRO, COM JAIME
PRADO GOUVÊA, EM 3 DE
ABRIL DE 1970

**PRETO
DE ALMA BRANCA
LIGEIRAS
CONCEITUALIZAÇÕES**

o preto de alma branca
e seu saco de capacho.

o preto de alma branca
e seus culhões de cachorro.

o preto de alma branca
e sua cor de camaleão.

o preto de alma branca
e o seu sujar na entrada.

o preto de alma branca
e o seu cagar na saída.

o preto de alma branca
e o seu sangue de barata.

cada vez mais distante
do corpo da Grande Mãe-África.

NESTA MÃO

Nesta mão eu te trago a
estrada suja de suor,
nela escrevi meu nome, dela
reconheci firma,
muitos anos se passaram até eu
chegar aqui,
com este testamento
todo timbrado em armaduras e
distâncias.
Indico apenas as correntes que
posso no nó do sangue,
herança corrosiva de comarcas
de muitas eras.
— O meu mundo é limitado por
selos, números e ossos.

O DRAMA DA EXPRESSIONISMO

ANELITO DE OLIVEIRA

O traço característico da produção inicial de Adão Ventura, enfeixada nos seus dois primeiros livros — *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* e *As musculaturas do arco do triunfo* —, é esteticista: um experimentalismo de base surrealista. Aparentemente, trata-se de uma produção que nada tem a ver com a condição étnica do autor mineiro, aparentemente, ou seja, na superfície. Eram os anos 1970, ainda marcados pela atmosfera vanguardista dos anos 1960, momento em que se intensificou, de modo decisivo, um processo de reconfiguração de valores culturais que se iniciou nos anos 1950.

O Movimento de Poesia Concreta, lançado em São Paulo precisamente em 1956, e a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, realizada em Belo Horizonte em 1963, são dois eventos que atuam, em escala nacional e regional, respectivamente, sobre a percepção criadora de Adão Ventura, bem como de toda a sua geração, no momento em que essa percepção está se definindo. A experimentação de linguagem como um valor na produção poética, o dever de transgredir as normas de funcionamento escrito do código linguístico, resulta diretamente da relação do então jovem poeta, recém-chegado de sua Santo Antônio do Itambé (região de Diamantina) a Belo Horizonte, com a obra e a pessoa do poeta, ensaísta e pesquisador do Barroco Affonso Ávila.

Uma qualidade notável nessa produção, sua latência narrativa, por outro lado, deriva de relação com uma outra figura importantíssima no espaço literário mineiro ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, o ficcionista e jornalista Murilo Rubião, criador (e diretor por muitos anos) do lendário *Suplemento Literário de Minas Gerais* em 1966, um cultor do texto, que escreve, por isso mesmo, com verve poética.

O gesto do primeiro Adão Ventura, escritural, no sentido postulado por Roland Barthes, é estimulado, simultaneamente, por Affonso Ávila e Murilo Rubião, referências maiores de um capital simbólico declaradamente de vanguarda, no caso do primeiro, e de literatura artística, no caso do segundo, na Belo Horizonte ainda muito provinciana dos anos 1960, sobretudo, e 1970, uma cidade que ainda respirava o clima modernista dos anos 1920, contando, inclusive, com a presença de um Emílio Moura e de um João Etienne Filho, personagens tipicamente modernistas.

Enquanto Ávila “impõe” a poesia como uma questão de linguagem, Rubião “impõe” a prosa como um estranhamento radical do cotidiano, processo que se efetiva não só pela via do texto em si, mas graças ao “agenciamento”, para lembrar Deleuze e Guattari, que ambos promovem sistematicamente. A perturbação do

código comum, da língua cotidiana, e a enunciação de realidades absurdas é, de fato, o que marca as duas primeiras coletâneas de Adão Ventura, denunciando-as como exemplos de prática de escrita literária que se tinha rotinizado nos anos 1970, fórmulas legitimadas como vanguardistas, poesia bem realizada segundo os pressupostos esteticistas.

A poesia de Adão Ventura se transforma surpreendentemente nos seus terceiro e quarto livros, intitulados *Jequitinhonha: poemas do vale* e *A Cor da Pele*, ambos publicados em 1980. Essa transformação foi provocada, em larga medida, por dois fatos: uma temporada nos Estados Unidos em 1973, quando o poeta participou do International Writing Program na Universidade de Iowa, e uma viagem em 1979 pelo Vale do Jequitinhonha, território marcado, nas Gerais, pelo contraste entre pujança cultural e alto índice de pobreza material.

A Cor da Pele acabou por se tornar, ao longo dos anos 1980, a grande referência do trabalho do poeta, bem como uma das maiores referências da produção poético-literária afro-brasileira, passando a ser tratado como uma obra autônoma, quando, na verdade, constitui o ponto mais tenso, mais conflituoso, de um processo criativo bastante problemático. A compreensão mais fértil, digamos, dessa coletânea não me parece possível sem que consideremos o que se passa no início e no fim da produção de Adão Ventura, ou seja, nos dois primeiros livros nos anos 1970 e em *Texturaafro*, de 1992, e *Litanias de cão*, de 2002.

A Cor da Pele dá a ver um drama da expressão, toda uma dificuldade de exprimir, de que o poeta se acerca quase que naturalmente, sem que ele mesmo se dê conta, já no início da sua produção, ao procurar dizer algo de seu, de próprio, de autêntico, no bojo de uma unidade discursiva já legitimada como valiosa. Não chegamos realmente a perceber o interior do abutre nem a força do corpo nas duas primeiras coletâneas, prevalecendo a idealidade sobre a realidade nua e crua, donde resulta o acionamento do dispositivo surrealista como uma saída ingênua até.

E, em face das últimas duas coletâ-

neas do poeta, também malogramos ao buscar a obscuridade da África e a fúria tresloucada dos caninos, ficando-nos a sensação, em ambos os casos — em relação à primeira e à última produções — de que há uma barra, um obstáculo, nesse processo criativo. *A Cor da Pele* apenas encena de um modo mais contundente a situação crítica de um determinado sujeito social, que se traduz inevitavelmente em sua linguagem, que vem a ser, no final das contas, a acusação da condição étnica subalterna de Adão Ventura.

Não é em função dos seus temas exclusivamente, das narrativas escravagistas que explora, que *A Cor da Pele* demarca um encontro entre o poeta e o indivíduo, a reconciliação entre idealidade e realidade, mas, sobretudo, em função da impossibilidade de exprimir esses temas de um modo resolvido, direto, fluente. Tanto do ponto de vista da sua organização — dividido em seções sob o título de “livro” — quanto da linguagem dos poemas — redundante, precária —, *A Cor da Pele* é notável enquanto problema estético que não se pode friccionar — resolver, claro, nunca é o caso — sem dialetizá-lo.

O drama da expressão, de um querer-dizer tudo que esbarra num obstáculo intransponível, decorre de uma relação dilaceradora — para o sujeito empírico da criação — entre dados de ordem estética, ideológica e sua negritude, sua condição de negro. Adão Ventura não é, obviamente, o primeiro nem tampouco o único a revelar esse drama na literatura brasileira, seja entre autores negros, seja entre autores subalternos não-negros. Revelaram esse drama os dois maiores autores negros no século 19, Machado de Assis e Cruz e Sousa, uma particularidade na expressão escrita que Sylvio Romero e José Veríssimo, movidos pelo chamado “racismo científico”, trataram, respectivamente, como grave “deficiência nos órgãos da palavra”, no caso do Bruxo do Cosme Velho, e profunda “incapacidade de exprimir”, no caso do Poeta do Desterro.

Adão Ventura, com sua obra tão breve e tão incisiva, não só logra atualizar esse drama num tempo tido e havido como pós-dramático, porque também pós-utópico, mas revelar o quão aporético é esse drama: o que se

produz como estético é também ideológico, e o ideológico, por sua vez, constitui o mascaramento da diferença que o sujeito deseja inscrever no seu produto estético — o poema, o texto, a narrativa —, ou seja, sua diferença étnica, sua experiência viva, social, material, de ser negro no mundo.

A precariedade, o aspecto rarefeito, que percebemos na linguagem de Adão Ventura tem a ver, sem dúvida, com uma certa desconfiança, da parte do sujeito, do lugar onde ele se encontra — a cultura, a escrita, a estética, a literatura, a poesia —, que ele sabe que não lhe pertence realmente, que pertence a outrem, aos “donos do poder”, que também são os donos da “ciudad letrada”, lembrando, respectivamente, Raymundo Faoro e Angel Rama.

A questão do poder público, tal como exercido no Brasil, referenciada por Brasília, foi a terceira e última questão visada poeticamente por Adão Ventura, foco do seu *Litanias de cão*, depois da subjetividade, nos primeiros dois livros, e do racismo, n’*A Cor da Pele*.

Na dedicatória que me escreveu nesse livro com sabor de fadiga, que é *Litanias de cão*, esse livro em que a linguagem vaga e vaga como se o seu sujeito procurasse um núcleo de sentido definido, na dedicatória com data de 17-07-2002, escreveu o poeta: “uma poesia sobre o nosso tempo”. Tempo de exercício cada vez mais monstruoso do poder — político, econômico, cultural, acadêmico, religioso etc. — da minoria sobre a maioria, tempo de absurda opressão.

Texto originalmente publicado no jornal *Rascunho*, edição 181.

ANELITO DE OLIVEIRA

É pós-doutor em teoria literária (Unicamp) e doutor em literatura brasileira (USP). Foi editor do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Autor, entre outros, de *Mais que o fogo* (poesia) e *A aurora das dobras* (ensaio).

Poeta Primeiro

LEDA MARTINS

(PARA ADÃO VENTURA
IN MEMORIAM)

O poeta primeiro
risca na pele
a cor escrita.

O que anoitece o poeta?

Será a cor um destino
um defeito
um malfeito
um malefício
um feitiço
uma sina?

Ai que dor
ai que dor
ai que dor
no teu coração
ai que dor!

Ou será a cor um arrimo
um preceito
um manifesto?

Na pele a palavra atenta
árida
às vezes lume
às vezes trevas
arde
e não repousa o sono.

.
O poeta primeiro
com olhar de velho preto
mesmo quando ainda moço
é altivo isidoro.
Dispara justiça
em comarcas e roças
onde também bate ponto.
Por onde andavas tu
poeta primeiro?

Fui catar ventos
 recheiar palavras ocas
 limar versos
 em outras cercanias
 me pintar de luz
 amolar a foice
 cortar garrotes
 que lanham na morte alheia
 a própria morte
 nossa consorte
 sorrateira.

De que sofre o poeta?

Da moça
 que dele a cor recusa?
 Dos apartes do mundo
 que lhe deixam mindinho?

Seu vovô teodoro
 sua vovó justina
 sua bisavó mãe zefa
 sua mãezinha bastiana
 seu papai maçambique
 sapateiam no pé de coroa
 cantareiam nos pés d’ingomá.

Ô lelê
 Ô lá lá
 bilros tilintam no ar
 nossas tantas africanias.

Foi no serro
 que aprendestes a versejar?
 Temperar o sol
 e o salitre
 destravar a língua
 abrir tramelas?

Na fazenda de mata cavalos
 há uma rua onde se trançam cabelos.

Quem vem lá, teodoro?

Vestido de biribiri
 vem o poeta primeiro
 rimando cantarias.
 Cercado de muitos pretinhos
 todos ternos
 todos tintos
 vem fazer maravia
 vozear a dor ardente
 cortejar reminiscências
 com os reis das folias.

Podeis muito
 poeta primeiro.
 Nessas palmas e ares
 inda incendeiam galdinos
 inda matam nossos sobrinhos
 mesmo depois de mandela
 mesmo depois...

Este um teu testemunho.
 Tua palavra adâmica
 timbrada em esmeril
 pura de escamas
 ainda soluça
 ainda lavra
 ainda acena
 haurida na forma
 que se quer teu sinônimo
 mesmo que te quisesses anônimo.

Mouro,
 és nobreza de açucena
 tudo em ti
 gravita
 embeleza
 e se emblema.

És poeta primeiro.
 Em tuas sonâncias
 e orikis
 hoje
 de saudades
 tremo.

LEDA MARTINS

Nascida no Rio de Janeiro, mora em Belo Horizonte, onde lecionou na Faculdade de Letras da UFMG de 1993 a 2018, quando se aposentou. Foi também professora convidada da New York University. Poeta e ensaísta, publicou diversos artigos e livros em periódicos brasileiros e estrangeiros, além de livros como *Os Dias Anônimos* (poesia, Editora 7Letras, 1999)



PAULINHO ASSUNÇÃO, MAGRACE SIMÃO, RONALD CLAVER, CARLOS HERCULANO LOPES E ADÃO VENTURA
PROJETO JEQUITINHONHA, ANOS 80

DA PALAVRA E SEU HABITAT

Lavre-se a palavra
em fluvial lagoa,
pura de escamas,
fuligem & circunstância.

Louve-se a palavra
na lúdica atadura
de um nítido invólucro
ainda que insepulto.

Livre-se a palavra
da inaugural magia,
iluminando-a num ato
puro de si mesma.

Lustre-se a palavra
ao seu exato cerne
— esmeril e águas claras
de recolhidos despojos.

NATAL

um natal lerdo
num lençol de embira
mesmo qu'uma fonte
de estimada ira.

um menino lama
num anzol que fira
algun porte e corpo
e alma de safira.

um menino cápsula
de tesoura e crime
— ritual de crisma
sem fé ou parafina.

um menino-corpo
de machado e chão
a arrastar cueiros
de chistes e trovão.

NEGRO FORRO

minha carta de alforria
não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco,
nem bigodes retorcidos.

minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele.

DAS BIOGRAFIAS

em negro
teceram-me a pele.
enormes correntes
amarram-me ao tronco
de uma Nova África.

carrego comigo
a sombra de longos muros
tentando impedir
que meus pés
cheguem ao final
dos caminhos.

mas o meu sangue
está cada vez mais forte,
tão forte quanto as imensas pedras
que os meus avós carregaram
para edificar os palácios dos reis



ARQUIVO SLMG

ALFABETIZAÇÃO

Papai
levava tempo
para redigir uma carta.

Já mamãe,
Sebastiana de José Teodoro,
teve a emoção de assinar seu
nome completo
já quase aos setenta anos.

CRONOLOGIA DE VIDA

\ POR GUSTAVO TANUS

1939

Nasce em Santo Antônio do Itambé, filho de Sebastiana Ventura de Souza e José Ferreira dos Reis, neto de, do lado paterno, Teodoro Ferreira dos Reis e Justina Maria de Jesus; do lado materno, José Mariano de Souza e Raimunda Paulina de Souza.

1967

Primeira publicação na *Revista Literária* da UFMG

1968

Ingressou na Imprensa Oficial, com o cargo de repórter/redator.

1969

Publica, no derradeiro mês do ano, o livro *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*.

1971

Recebeu o “Prêmio Revista Literária da UFMG”, com os poemas “Móveis a) A cama”.

1972

Prêmio Cidade de Belo Horizonte, com o livro *As musculaturas do Arco do Triunfo*.

1973

Participou do Congresso Internacional de Escritores (International Writing Program), promovido pela Universidade de Iowa, e lecionou Literatura

Brasileira Contemporânea na Universidade do Novo México.

1975

Publica, pela Editora Comunicação, *As musculaturas do Arco do Triunfo*.

1977

Recebeu menção honrosa União Brasileira de Escritores, Prêmio Fernando Chinaglia.

1978

Imprensa Oficial, Especialista em textos literários.

1980

Lança 2 livros, *Jequitinhonha*: poemas do Vale e *A Cor da Pele*.

1984

Recebe a insígnia da inconfidência por méritos de sua obra.

1985

Lança seu livro infantil *Pó de mico, macaco de circo*.

1988

Integrou, juntamente com outros importantes intelectuais negros, o Conselho Consultivo do programa nacional Centenário da Abolição da Escravatura. Organizou o Número especial do *Suplemento Literário*, dedicado aos 100 anos da Abolição. Alguns de seus poemas foram traduzidos para o alemão.

1989

Ingressou na Fundação Cultural Palmares, na Diretoria de Estudos, Pesquisas e Projetos.

1990

Nomeado presidente da Fundação Cultural Palmares.

1991

Recebeu o “Prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal”.

1992

Lança, pela editora Lê, o livro de poemas *texturaafro*.

1993

Convidado a palestrar nas universidades estadunidenses Howard, em Washington, e nas de Indiana e Flórida.

1993

Poemas traduzidos para o húngaro e para o inglês.

1996

Atuou como Juiz Classista, lotado em Passos, até 1999.

2001

Homenageado pelo XI Psiu Poético (Montes Claros)

2002

Lança seu último livro em vida, *Litanias de cão*.

2004

Participa do documentário *Dançantes*, de Elisa Gazzinelli, com argumento, textos e poesias. Falece em 12 de junho de 2004, deixando vários escritos inéditos como, por exemplo, um livro sobre a história do jazz.

2005

Medalha de Honra UFMG, por ter sido um ex-aluno destaque da instituição.

2006

Lançamento da obra póstuma *Costura de nuvens*.

2009

Primeira doação do acervo do poeta, que estava sob guarda de seu irmão Pedro Ventura, intermediados por Luana Diana dos Santos e pelo professor Eduardo de Assis Duarte, ao Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (AEM/UFMG).

2014

Doação do restante do acervo ao AEM, após falecimento do irmão.

2019

Homenageado no 3º Festival Literário Internacional de Belo Horizonte, pelos 80 anos de seu nascimento

Governador do Estado de Minas Gerais
Vice Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura e Turismo
Secretário Adjunto de Estado de Cultura e Turismo
Subsecretário de Estado de Cultura
Superintendente de Bibliotecas, Museus, Arquivo Público e Equipamentos Culturais
Diretora do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas

Romeu Zema
Paulo Brant
Leônidas Oliveira
Bernardo Silviano Brandão
Fábio Caldeira

Milena Pedrosa
Alessandra Soraya Gino Lima

SUPLEMENTO LITERÁRIO
Diretor
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Coordenadora-Adjunta de Apoio Técnico e Revisora
Diagramação

Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

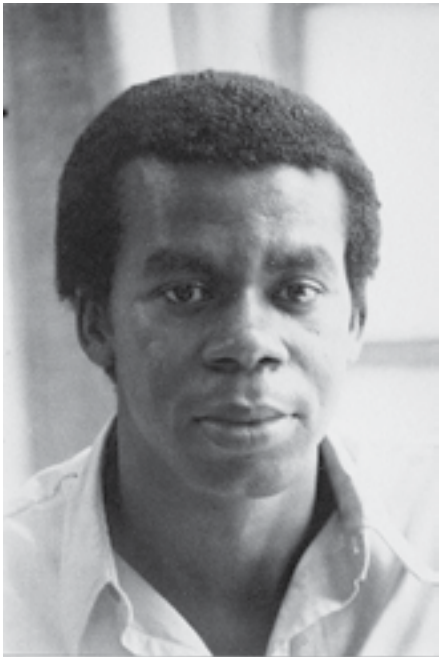
Jaime Prado Gouvêa
João Pombo Barile
Flávia Figueirêdo
Aruan Mattos
Yasmin Moura
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Rui Coutinho, Izabela de Souza (estagiária)

João Pombo Barile - JP 74894 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.bibliotecapublica.mg.gov.br
Mantenha seu cadastro de leitor sempre atualizado através de nossos canais de comunicação:

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 - Biblioteca Pública - 3º andar
CEP: 30140-010 - Belo Horizonte, MG - 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

SUPLEMENTO



Foram feitos todos os esforços para contatar os detentores dos direitos sobre as imagens utilizadas nesta edição. No entanto, caso tenha havido alguma violação involuntária, pede-se às partes interessadas que entrem em contato com os editores.

ABRIR-SE UM ABUTRE OU MESMO DEPOIS DE DEDUZIR DELE O AZUL

ADÃO VENTURA

1. cada uma das mãos o dividiu
em viagens.

As flores estavam fatigadas com o
desconsolo das declarações de
amor. Não havia relógios nem
outras perfurações que os iden-
tificassem. lygia enxugou os pra-
tos com o último dos envelopes.
Era expressamente proibida a en-
trada de pessoas de cor naquele
RElcinto de segurança. Vendem-
se empregadas domésticas que sai-
bam descascar BACH. Ou ainda:
sensacional liquidação de lilases
especializados em pacto com o
amanhecer. Tergal também serve
para encadernações de corpos hu-
manos. de asas abertas no oceano
nós nos encontraremos. o prédio
tem vinticinco (tu) andares fora
o subsolo abaixo dos braços de ly-
gia. vendem-se a prazo: ternos
para principiantes & decalcomania
para recém-casados. meus títulos
protestados no alto daquela pirâ-
mide não haverá mais jogos. a fa-
zenda tem amplas paisagens e su-
perfície azêda mas o pagamento à
vista é limitado por cercas de ara-
me farpado móveis e outras biju-
terias.